

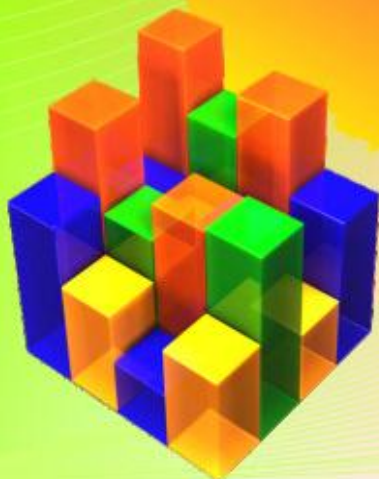


GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
*Secretaria do Planejamento  
e Gestão*

# IPECE Conjuntura

Boletim da Conjuntura Econômica Cearense

4º Trimestre de 2016



Fortaleza – Ceará  
Março de 2016

**ipece** INSTITUTO  
DE PESQUISA  
E ESTRATÉGIA  
ECONÔMICA  
DO CEARÁ

## GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Camilo Santana – Governador

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho – Vice-Governadora

### SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Francisco de Queiroz Maia Júnior – Secretário

### INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto – Diretor Geral

Adriano Sarquis – Diretor de Estudos Econômicos

#### IPECE Conjuntura – 4º Trimestre – out.dez. de 2016

#### Equipe Técnica

*Adriano Sarquis (Coordenação Geral)*

*Daniel Suliano (Coordenação Técnica)*

*Alexandre Lira Cavalcante*

*Ana Cristina Lima Maia Souza*

*José Freire Junior*

*Nicolino Trompieri Neto*

*Paulo Pontes*

*Witalo de Lima Paiva*

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará.

Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

#### Missão

Propor políticas públicas para o desenvolvimento sustentável do Ceará por meio da geração de conhecimento, informações geosocioeconômicas e da assessoria ao Governo do Estado em suas decisões estratégicas.

#### Valores

Ética e Transparência; Autonomia Técnica; Rigor Científico; Competência e Comprometimento Profissional; Cooperação Interinstitucional e Compromisso com a Sociedade.

#### Visão

Ser uma instituição de pesquisa capaz de influenciar de modo mais efetivo, até 2025, a formulação de políticas públicas estruturadoras do desenvolvimento sustentável do estado do Ceará.

### INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/nº - Edifício SEPLAG, 2º Andar

Centro Administrativo Governador Virgílio Távora – Cambéba

Tel. (85) 3101-3496

CEP: 60830-120 – Fortaleza-CE.

ouvidoria@ipece.ce.gov.br

[www.ipece.ce.gov.br](http://www.ipece.ce.gov.br)

## APRESENTAÇÃO

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) publica o IPECE CONJUNTURA – Boletim da Conjuntura Econômica cearense, referente aos resultados do 4º trimestre de 2016.

Neste documento, foi feito um panorama do cenário econômico internacional e nacional, os quais serviram de parâmetros para o desempenho da atividade econômica do Estado do Ceará.

O Boletim contempla uma série de seções envolvendo indicadores que traduzem o dinamismo conjuntural da economia cearense a partir dos três grandes setores: agropecuária, indústria e serviços, tendo este último como base o comércio varejista (comum e ampliado). O mercado de trabalho é analisado a partir dos dados da PNAD contínua e do Ministério do Trabalho. Comércio exterior e finanças públicas são outros tópicos de destaque do documento.

O Boletim IPECE CONJUNTURA procura atender a demanda do setor público e privado por informações de curto prazo da economia cearense.

## ÍNDICE

### SUMÁRIO EXECUTIVO, 3

#### 1. PANORAMA INTERNACIONAL, 4

#### 2. EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA, 5

#### 3. ECONOMIA CEARENSE E PRODUTO INTERNO BRUTO, 9

#### 4. ANÁLISE DA DINÂMICA SETORIAL, 10

4.1. Agropecuária, 10

4.2. Indústria, 14

4.3. Serviços (Comércio Varejista), 20

#### 5. MERCADO DE TRABALHO, 27

5.1. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 27

5.2. Emprego Formal, 31

#### 6. COMÉRCIO EXTERIOR, 37

#### 7. FINANÇAS PÚBLICAS, 44

#### 8. CONSIDERAÇÕES GERAIS, 48

IPECE Conjuntura / Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). – Fortaleza, CEARÁ.  
ISSN 2357-7789

Economia Brasileira. Economia Cearense. Indústria.  
Mercado de Trabalho. Finanças Públicas.  
Fortaleza – Ceará

## SUMÁRIO EXECUTIVO

- Conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook Update* de outubro de 2016, a estimativa de crescimento da economia mundial para o ano de 2016 situa-se em torno de 3,1%. Essa estimativa vem sendo influenciada pelo desempenho das economias desenvolvidas, a destacar Estados Unidos, Alemanha e Espanha, e pelos países emergentes, como a Índia e China;
- No ano de 2016 o PIB nacional recuou 3,6%, tendo em 2015 já apresentado recuo de 3,8%. De acordo com os dados das contas nacionais, semelhante queda, mas de magnitude bem menor, ocorreu nos anos de 1930 e 1931, quando houve recuo de 2,1% e 3,3%, respectivamente;
- A economia cearense registrou queda de 5,33% no ano de 2016. Esse desempenho negativo foi puxado por todos os grandes setores da economia local, que também apresentaram queda no ano, sendo o maior recuo na Agropecuária (-8,02%), seguido dos setores da Indústria (-6,64%) e Serviços (-5,52%);
- Conforme prognosticado ao longo do ano de 2016 o setor agropecuário cearense, por mais um ano consecutivo, apresentou desempenho negativo, sendo considerado um dos piores dos últimos vinte anos, visto que desde 2012 o setor vem apresentando tendência de queda;
- Os resultados do último trimestre de 2016 mantiveram a dinâmica da produção industrial cearense em patamares negativos. Nos meses de outubro a dezembro, a atividade apresentou retração de 4,2% em relação ao mesmo período de 2015, acumulando onze trimestres seguidos de queda na produção na comparação trimestral. Adicionalmente, é preciso considerar que tais números ocorrem sobre uma base de comparação já fortemente negativa;
- A queda no varejo ampliado cearense é muito mais intensa que no varejo comum, fato que também se repetiu nas demais unidades federativas, bem como também no agregado nacional. De fato, como no varejo ampliado são incluídos os setores de veículos, motocicletas, partes e peças e material de construção, ambos altamente ligados ao sistema de crédito, o impacto da queda da atividade econômica foi muito mais intenso nesses setores;
- De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC) do 4º trimestre de 2015 para o 4º trimestre de 2016 as taxas de desemprego do Brasil e do Ceará cresceram, respectivamente, 3,0 pontos percentuais (p.p.) e 3,4 p.p. Essa tendência de aumento do desemprego só ficou clara na virada do 4º trimestre de 2014 para o 1º trimestre de 2015, embora a recessão já houvesse se iniciado no início de 2014 com quedas do PIB trimestral nacional;
- No que tange ao emprego formal, dados do CAGED revelam que no resultado anual foi observado o fechamento de vagas em 2016 (-37.392 vagas), superior ao registrado em 2015 (-34.336 vagas), revelando que os efeitos da crise foram mais intensos no último ano;
- As exportações do Ceará no quarto trimestre de 2016 totalizaram US\$ 466 milhões, 55,4% superiores ao montante registrado no quarto trimestre do ano anterior. Já as importações, por sua vez, totalizaram o valor de US\$ 469 milhões, apenas 4% superior ao registrado no quarto de 2015, que foi de US\$ 605 milhões;
- As “Receitas Correntes Líquidas” (RCL), que é um importante indicador das finanças públicas de um estado, apresentaram crescimento de 7,9% no acumulado do ano de 2016. Esse comportamento das “Receitas Correntes Líquidas” é uma decorrência direta das receitas extraordinárias.

## 1 PANORAMA INTERNACIONAL

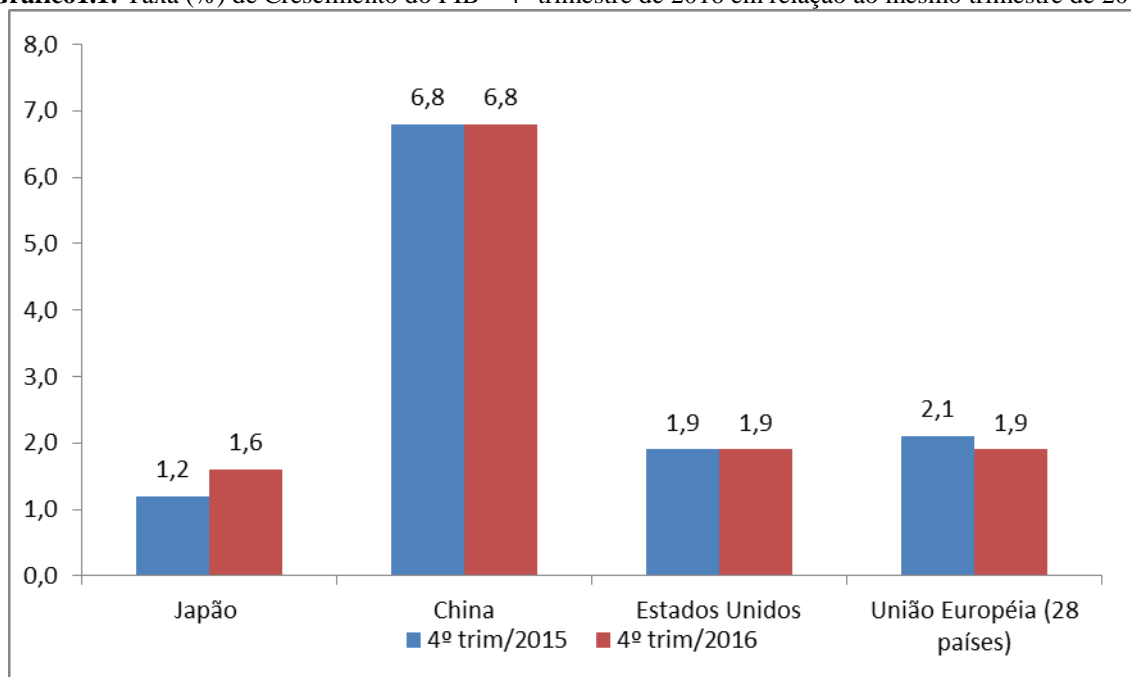
Conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook Update* de outubro de 2016, a estimativa de crescimento da economia mundial para o ano de 2016 situa-se em torno de 3,1%. Essa estimativa vem sendo influenciada pelo desempenho das economias desenvolvidas, a destacar Estados Unidos, Alemanha e Espanha, e pelos países emergentes, como a Índia e China.

O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) americano no quarto trimestre de 2016, com relação ao mesmo período de 2015, foi de 1,9%, sendo o mesmo percentual que o registrado no quarto trimestre de 2015, com relação ao mesmo período de 2014. O crescimento do emprego no setor privado tem sido constante em cerca de 2%, mantendo a taxa de desemprego perto de 5%. A inflação americana, medida pelo índice de preços ao consumidor (IPC), para o ano de 2016, foi de 2,0%. A taxa de juros de longo prazo nos EUA caiu durante a maior parte de 2016. Embora isso reflita em parte as expectativas de inflação mais baixas, a taxa de juros reais (ajustadas pela inflação) também caiu para próximo de zero. A eleição do presidente Trump provocou um aumento significativo nas taxas de juros de longo prazo, elevando a taxa de rendimento real de 10 anos em 0,3 pontos percentuais. O resultado do quarto trimestre levou a um crescimento do PIB dos Estados Unidos, para o ano de 2016, de 1,6%.

A União Européia apresentou, no quarto trimestre de 2016 com relação ao mesmo período de 2015, um crescimento de 1,9%, implicando numa taxa de 1,7% para o ano de 2016. Por trás desse desempenho, Alemanha e Espanha estão se expandindo significativamente mais rápido do que suas taxas de crescimento potencial de longo prazo. Adicionalmente, o crescimento do gasto do consumidor na União Européia vem aumentando moderadamente mais rápido do que o crescimento do PIB global. O crescimento do emprego, de quase 2% nos últimos trimestres, é um dos principais fatores que motivaram os gastos do consumidor. As despesas de investimento registraram um aumento de quase 3% para o fechamento do ano de 2016, mantendo um crescimento na rentabilidade e na confiança dos negócios. Em relação à política monetária da União Europeia para o ano de 2016, o Banco Central Europeu manteve a taxa de juros em 0%, com um nível de inflação anual em 0,2%.

A economia da China, conforme dados da OCDE, apresentou estimativa de crescimento de 6,8% no quarto trimestre de 2016, com relação ao mesmo período de 2015, mesmo resultado registrado no terceiro trimestre de 2015. Para o ano de 2016, o PIB da China registrou um crescimento de 6,7%. Esse crescimento foi apoiado pela rápida expansão do crédito, impulsionando o setor de serviços via consumo das famílias e pela aceleração do investimento imobiliário. Em um esforço para estimular o crescimento de sua economia, o Banco Central Chinês vem mantendo um ritmo de cortes na sua taxa de juros desde o ano de 2015, registrando uma taxa de juros de 4,4% em 2016, com uma inflação anual de 2,2%. Já a economia japonesa apresentou um crescimento de 1,6% no quarto trimestre de 2016, com relação ao mesmo período de 2015, mostrando leve aceleração em relação ao quarto trimestre de 2015, quando verificou-se um crescimento de 1,9%. Projeta-se para a economia japonesa, em 2016, um crescimento de 1,3%, sendo explicado pelos aumentos das despesas das famílias, do investimento em capital fixo das empresas e das exportações.

**Gráfico1.1:** Taxa (%) de Crescimento do PIB – 4º trimestre de 2016 em relação ao mesmo trimestre de 2015



Fonte: OECD. Elaboração: IPECE.



## 2 EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA

No quarto trimestre de 2016, o PIB do Brasil registrou queda de 2,5% em relação ao quarto trimestre de 2015 (Tabela 2.1).

**Tabela 2.1:** Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades - Brasil – 4º Trim. 2014 e 2015 (\*)

Setores e Atividades	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	2016
	2015 (**)	2016 (**)	2016 (**)	2016 (**)	2016 (**)	
<b>Agropecuária</b>	<b>0,8</b>	<b>-8,3</b>	<b>-6,1</b>	<b>-6,0</b>	<b>-5,0</b>	<b>-6,6</b>
<b>Indústria</b>	<b>-8,6</b>	<b>-7,0</b>	<b>-2,9</b>	<b>-2,9</b>	<b>-2,4</b>	<b>-3,8</b>
Extrativa Mineral	-3,7	-9,2	-5,1	-1,3	4,0	-2,9
Transformação	-13,1	-10,4	-4,7	-3,5	-2,4	-5,2
Construção Civil	-5,1	-5,0	-3,2	-4,9	-7,5	-5,2
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	0,9	3,8	8,7	4,3	2,4	4,7
<b>Serviços</b>	<b>-4,1</b>	<b>-3,5</b>	<b>-2,7</b>	<b>-2,2</b>	<b>-2,4</b>	<b>-2,7</b>
Comércio	-12,0	-10,5	-6,6	-4,4	-3,5	-6,3
Transportes	-9,2	-7,3	-6,0	-7,4	-7,5	-7,1
Intermediação Financeira	-1,1	-1,3	-3,0	-3,3	-3,4	-2,8
Administração Pública	0,2	-0,1	0,5	0,1	-0,7	-0,1
Outros Serviços	-3,9	-3,3	-3,9	-2,5	-2,6	-3,1
<b>VA a preços básicos</b>	<b>-4,9</b>	<b>-4,6</b>	<b>-3,0</b>	<b>-2,5</b>	<b>-2,3</b>	<b>-3,1</b>
<b>PIB pm</b>	<b>-5,8</b>	<b>-5,4</b>	<b>-3,6</b>	<b>-2,9</b>	<b>-2,5</b>	<b>-3,6</b>

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(\*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(\*\*) Em comparação a igual período do ano anterior.

Na análise trimestral, comparando-se o quarto trimestre de 2016 com relação ao mesmo período do ano de 2015, a agropecuária apresentou queda de 5,0%. A indústria teve redução de 2,4%, sendo que a transformação também recuou 2,4%, enquanto a construção apresentou retração de 7,5%. Já a atividade extrativa mineral se expandiu em 4,0% em relação ao quarto trimestre de 2015, puxada principalmente pelo crescimento da extração de petróleo e gás natural. A atividade de eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana (SIUP) registrou expansão de 2,4%.

O valor adicionado de serviços caiu 2,4% na comparação com o mesmo período do ano anterior, com destaque para a contração de 7,5% de transporte, armazenagem e correio e de 3,5% do comércio (atacadista e varejista). Também apresentaram resultados negativos, as atividades de intermediação financeira e seguros (-3,4%), serviços de informação (-3,0%),

outros serviços (-2,6%) e administração, saúde e educação pública (-0,7%). As atividades imobiliárias (0,1%) mantiveram-se praticamente estáveis no período.

Para o ano de 2016, em comparação com 2015, os valores agregados dos três setores que compõem o PIB apresentaram os seguintes resultados: Agropecuária (-6,6%), Indústria (-3,8%) e Serviços (-2,7%). O decréscimo da agropecuária em 2016 decorreu, principalmente, do desempenho da agricultura. Na indústria, o destaque positivo foi o desempenho do SIUP, que cresceu 4,7% em relação a 2015. A indústria de transformação teve queda de 5,2% no ano. A construção sofreu contração de 5,2%, enquanto que a extrativa mineral acumulou recuo de 2,9%, influenciada pela queda da extração de minérios ferrosos.

Dentre as atividades que compõem os serviços, a atividade de transporte, armazenagem e correio sofreu queda de 7,1%, seguida por comércio (-6,3%), outros serviços (-3,1%), serviços de informação (-3,0%) e intermediação financeira e seguros (-2,8%). As atividades imobiliárias variaram positivamente em 0,2%, enquanto que a atividade administração, saúde e educação públicas (-0,1%) ficou praticamente estável em relação ao ano anterior.

Na Tabela 2.2 abaixo são apresentados os resultados do último trimestre e o consolidado do ano de 2016 sob a ótica da produção (três grandes setores) e ótica da demanda – absorção doméstica e exportações líquidas. Semelhantemente ao ano de 2015, no ano de 2016 houve queda nos quatro trimestres do produto interno bruto a preços de mercado.

**Tabela 2.2:** Taxa de crescimento do PIB Trimestral – Brasil (%)

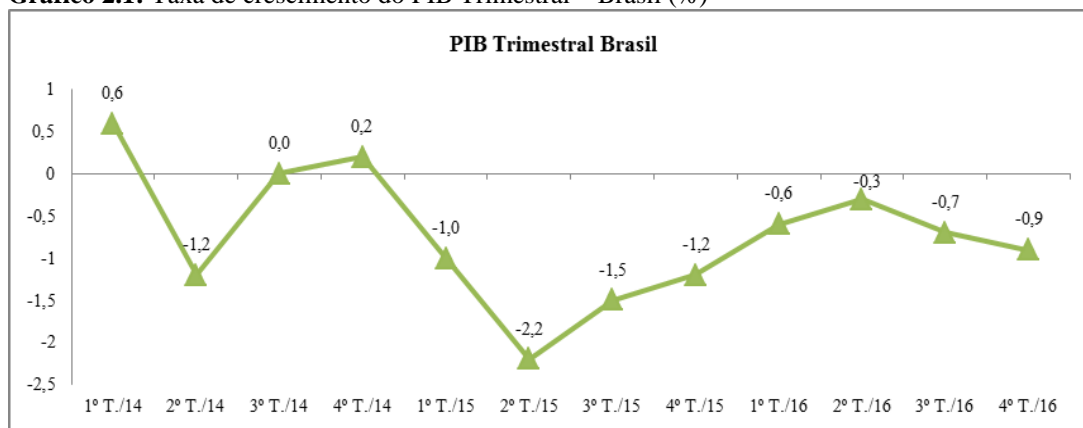
		Com Ajuste Sazonal					
Descrição		4º Trim. (2015)	1º Trim. (2016)	2º Trim. (2016)	3º Trim. (2016)	4º Trim. (2016)	Ano (2016)
PIB a preços de mercado		-1,2	-0,6	-0,3	-0,7	-0,9	-3,6
Ótica da oferta	Agropecuária	0,7	-3,2	-1,0	-2,1	1,0	-6,6
	Indústria	-1,7	-0,8	1,0	-1,4	-0,7	-3,8
	Serviços	-0,6	-0,4	-0,7	-0,5	-0,8	-2,7
Ótica da Demanda	Consumo das famílias	-1,1	-1,1	-0,9	-0,3	-0,6	-4,2
	Consumo do governo	-0,8	0,2	0,0	-0,4	0,1	-0,6
	Formação bruta de capital fixo (FBKF)	-4,7	-2,0	0,6	-2,5	-1,6	-10,2
	Exportações	3,4	0,9	-0,6	-3,2	-1,8	1,9
	Importações (-)	-5,6	-3,6	5,6	-3,1	3,2	-10,3

Fonte: IBGE, Contas Nacionais. Elaboração: IPECE.

No ano de 2016 o PIB brasileiro recuou 3,6%, tendo em 2015 já apresentado recuo de 3,8%. De acordo com os dados das contas nacionais, semelhante comportamento, mas de magnitude bem menor, ocorreu nos anos de 1930 e 1931, quando houve recuo de 2,1% e 3,3%, respectivamente. O ano de 2016 fecha com um PIB de R\$ 6,3 trilhões.

Na comparação de ajuste sazonal, o PIB recuou 0,9% no quarto trimestre de 2016, com relação ao terceiro trimestre do mesmo ano, o que representa a oitava queda seguida nesse tipo de comparação, conforme pode ser observado no Gráfico 2.1 a seguir. Com exceção do quarto trimestre de 2014, quando houve um leve desempenho positivo de 0,2%, o Brasil já caminhava para um ciclo de baixa atividade econômica, iniciada no segundo trimestre de 2014.

**Gráfico 2.1:** Taxa de crescimento do PIB Trimestral – Brasil (%)



Fonte: IBGE, Contas Nacionais. Elaboração: IPECE.

Sob a ótica da oferta, os três setores, agropecuária, indústria e serviços, registraram queda de, respectivamente, -6,6%, -3,8% e -2,7%. Desde o início da recessão, como bem revelam os dados da Tabela 2.2, o setor já vinha perdendo fôlego. Ademais, se tomarmos a série histórica, não obstante diversos incentivos creditícios e subsídios na redução do preço da energia elétrica, o setor já vinha perdendo fôlego nos últimos três anos.

Nos serviços, a desaceleração ocorreu de forma mais intensa ao longo dos anos de 2015 e 2016 (Tabela 2.2). A alta inflacionária, bem como a forte escalada do desemprego que ocorreu a partir de 2015, reduziu de forma significativa o poder aquisitivo dos trabalhadores, rebatendo diretamente no setor que compõem mais do que 2/3 da produção econômica. Finalmente, a agropecuária sentiu o impacto das condições climáticas na soja, milho e cana de açúcar, culturas importantes na produção agrícola nacional.



Dentre os componentes da demanda, a FBKF (investimentos), encerrou o ano com um total de apenas 16,4% do PIB, e queda anual de 10,2%. Convém ressaltar, ainda, que o investimento encontra-se em queda desde o terceiro trimestre de 2013. O cenário político do ano de 2016 foi de muita incerteza, comprometendo as expectativas dos empresários no que tange às decisões de planejamento dos fluxos de caixa.

Do lado do consumo, o consumo das famílias e os gastos do governo apresentaram queda de -4,2% e -0,6%, respectivamente. Os dados da Tabela 2.2 revelam que a queda do consumo das famílias tem sido recorrente. As incertezas diante do futuro foram um dos elementos que freou o consumo, assim como a alta taxa de juros, inflação ainda persistente (embora menos resistente com relação a 2015) e alto desemprego. No caso do consumo governamental, a crise dos governos subnacionais foi o principal determinante para retração do consumo desse componente.

O ajuste cíclico no setor externo elevou parte das exportações e retraiu às importações ao longo de todo o ano de 2016. Parte da depreciação cambial tornou mais atrativa as vendas para o exterior. No ano de 2016 as exportações tiveram um desempenho positivo de 1,9%. Adicionalmente, o câmbio encareceu o consumo de produtos externos assim como retraiu os investimentos, reduzindo as compras de bens de capital. A economia desaquecida também reduziu o componente de importações, que registraram um recuo de -10,3% em 2016.

### **3 ECONOMIA CEARENSE E PRODUTO INTERNO BRUTO**

A economia cearense registrou uma queda de 3,98% no quarto trimestre de 2016 com relação ao mesmo período de 2015, mostrando, portanto, um comportamento de retração bem menor do que o observado no quarto trimestre de 2015, com relação ao mesmo período de 2014, quando verificou-se uma redução bem mais expressiva, de -7,74 (Tabela 3.1). Considerando o desempenho econômico por todo o ano de 2016, observou-se uma queda de 5,33%.

**Tabela 3.1:** Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades - Ceará - 4º Trim. 2014 e 2015 (\*)

Setores e Atividades	4º Trim. 2015 (**)	1º Trim. 2016 (**)	2º Trim. 2016 (**)	3º Trim. 2016 (**)	4º Trim. 2016 (**)	2016
<b>Agropecuária</b>	<b>-5,96</b>	<b>-11,26</b>	<b>-5,08</b>	<b>-1,22</b>	<b>-18,03</b>	<b>-8,02</b>
<b>Indústria</b>	<b>-11,93</b>	<b>-8,18</b>	<b>-8,46</b>	<b>-7,10</b>	<b>-2,72</b>	<b>-6,64</b>
Extrativa Mineral	-23,44	5,18	2,82	0,64	11,22	4,70
Transformação	-13,56	-10,52	-7,62	-7,28	-2,43	-6,94
Construção Civil	-12,74	-14,27	-18,56	-16,48	-12,68	-15,59
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	-0,03	16,99	19,81	21,07	20,69	19,64
<b>Serviços</b>	<b>-7,00</b>	<b>-6,64</b>	<b>-6,39</b>	<b>-4,76</b>	<b>-4,29</b>	<b>-5,52</b>
Comércio	-15,53	-13,63	-14,96	-11,97	-8,49	-12,26
Alojamento e Alimentação	4,70	-0,80	-3,06	-4,01	-2,85	-2,68
Transportes	-12,44	-7,11	-4,46	-4,69	-4,26	-5,14
Intermediação Financeira	-10,63	-9,60	-9,15	-6,63	-6,16	-7,86
Administração Pública	0,00	-1,51	-0,22	0,43	-0,96	-0,56
Outros Serviços	3,53	4,49	4,00	4,46	2,97	3,98
<b>VA a preços básicos</b>	<b>-7,80</b>	<b>-7,36</b>	<b>-6,72</b>	<b>-4,72</b>	<b>-4,74</b>	<b>-5,87</b>
<b>PIB pm</b>	<b>-7,74</b>	<b>-7,13</b>	<b>-6,18</b>	<b>-4,10</b>	<b>-3,98</b>	<b>-5,33</b>

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.

(\*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(\*\*) Em comparação a igual período do ano anterior;

Em relação aos setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, a Agropecuária apresentou no quarto trimestre de 2016, em comparação com o mesmo período de 2015, um decréscimo de 18,03%. Para o mesmo período de análise, a Indústria apresentou uma queda de 2,72%, enquanto que o setor de serviços caiu 4,29%. Para o ano de 2016, em comparação com o ano de 2015, todos os setores apresentaram quedas, sendo a maior queda na Agropecuária (-8,02%), seguidos dos setores da Indústria (-6,64%) e Serviços (-5,52%).

## 4 ANÁLISE DA DINÂMICA SETORIAL

### 4.1 Agropecuária

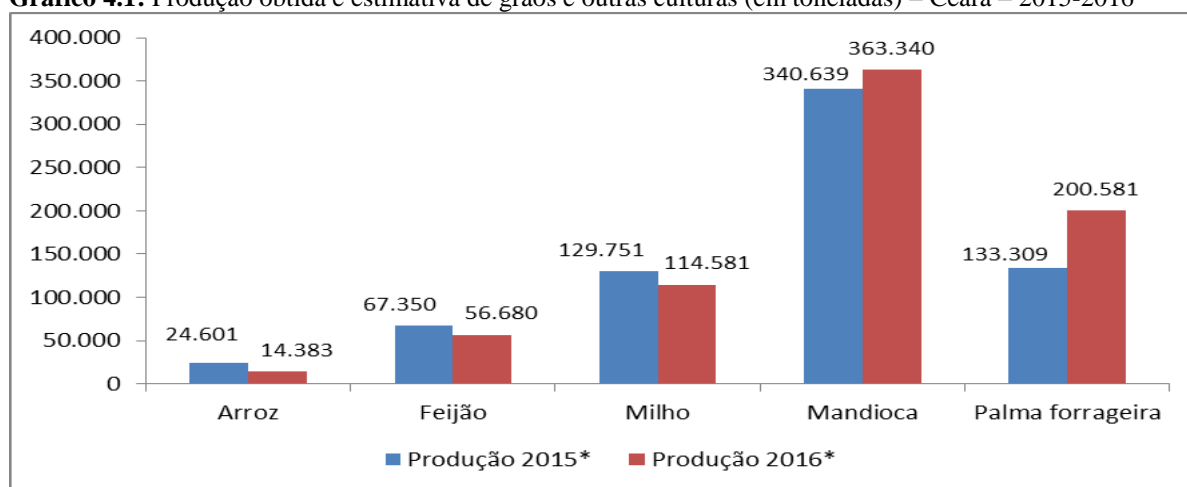
A produção de 2016 das principais lavouras do Ceará, conforme as estimativas realizadas pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola LSPA/IBGE<sup>1</sup>, apresentou redução. Assim, as produções de milho (-11,69%), feijão (-15,84%) e arroz (-41,53%) experimentaram reduções em 2016, comparada ao ano de 2015. No caso de arroz e feijão as quedas foram

<sup>1</sup> As estimativas realizadas pelo LSPA/IBGE começam o ano com a estimativa com base nas safras passadas e nas condições de plantio. Esta sistemática possibilita, a cada mês da fase de tratamentos culturais, a correção das estimativas para as variáveis investigadas.

explicadas pela redução da área plantada e quanto ao milho, a queda foi causada pela redução da produtividade por área cultivada.

Com relação a mandioca, verificou-se que a estimativa de 2016 aponta uma produção maior do que 2015, indicando um crescimento de 6,66%. A produção da palma forrageira também indicou maior produção em 2016, relativamente a 2015, com crescimento de 50,46%. Essas duas ultimas culturas são mais adaptadas ao clima e solo do semiárido. Além disso, a palma forrageira vem sendo muito utilizado como alimento para os rebanhos do estado.

**Gráfico 4.1:** Produção obtida e estimativa de grãos e outras culturas (em toneladas) – Ceará – 2015-2016



Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: (\*) O valor de 2015 refere-se aos valores da produção obtida e o valor de 2016 corresponde a estimativa.

A produção de frutas em 2016 sofreu os maiores efeitos devido a longa estiagem, diante de solos mais secos e da falta de água para as áreas de produção agrícola irrigada. Destacaram-se as culturas de castanha de caju (-40,58%), que obteve queda devido a redução de área e produtividade por área; melão (-11,62%) e banana (-15,89%), explicadas pela redução de área plantada e colhida. Essas foram as frutas que apresentaram maiores reduções na produção, quando comparada com o ano de 2015. Também tiveram reduções na produção as culturas de abacaxi (-18,42%), laranja (-14,53%), manga (-4,47%). Já coco-da-baía (38,45%), mamão (16,98%) e goiaba (10,20%) registraram aumento na produção, com expansão da área destinada a colheita.

**Tabela 4.1:** Produção obtida e estimativa de frutas (em toneladas) no Ceará - 2015-2016

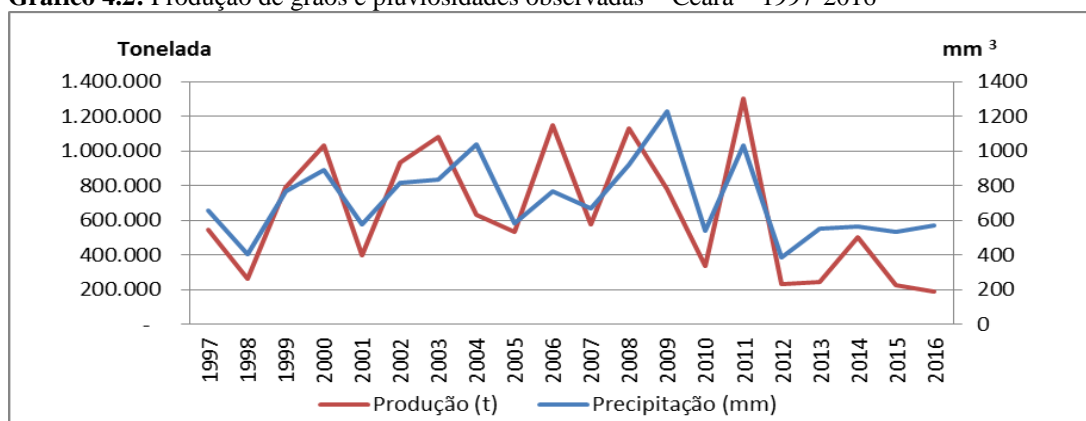
Produção de Frutas	Produção 2015 *	Estimativa 2016	Varição (%) 16/15
Acerola	12.477	12.728	2,01
Banana	385.028	323.840	-15,89
Goiaba	14.005	15.434	10,20
Laranja	9.915	8.474	-14,53
Mamão	94.478	110.520	16,98
Manga	45.259	43.235	-4,47
Maracujá	93.079	98.122	5,42
Melancia	35.805	35.469	-0,94
Melão	111.487	98.533	-11,62
Castanha de caju	52.118	30.968	-40,58
Abacaxi**	2.894	2.361	-18,42
Coco-da-baía**	189.398	262.226	38,45

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Notas: (\*) O valor de 2015 refere-se a produção obtida e o valor de 2016 corresponde a estimativa.

(\*\*) Produção em mil frutos.

Conforme visto no Gráfico 4.2, abaixo, a produção de grãos<sup>2</sup> dos últimos cinco anos foi a menor desde 1997, com destaque para o ano de 2016 que registrou a menor quantidade de produção da série, com apenas 187.960 toneladas. No Gráfico também pode ser observada a evolução do volume de pluviosidade no Ceará, indicando a forte relação das chuvas com a produção de grãos, principalmente no período de 2012 a 2016, quando o Estado registrou os menores volumes de chuvas dos últimos vinte anos.

**Gráfico 4.2:** Produção de grãos e pluviosidades observadas – Ceará – 1997-2016

Fonte: IBGE/FUNCEME. Elaboração: IPECE.

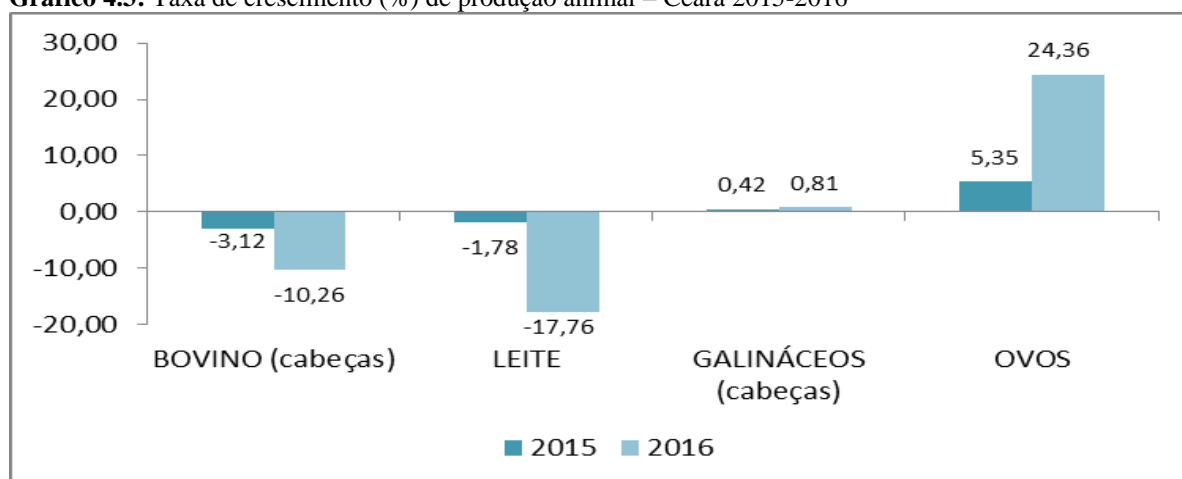
<sup>2</sup> Nessa cesta de grãos estão considerados: milho, feijão, arroz, mamona, sorgo, algodão, fava e amendoim.

As chuvas ocorridas no Ceará em 2016, conforme dados da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME), ficaram abaixo da média normal, com desvio de -29,1%. A Região Jaguaribana apresentou maior desvio negativo (-41,7%), seguida do Sertão Central e Inhamuns (-33,4%), Litoral de Fortaleza (-32,7%) e Maciço de Baturité (-32,0%).

Ao analisar as principais atividades do segmento da pecuária do Ceará, as estimativas indicaram que apenas a produção de ovos e galináceos apresentou crescimento no ano de 2016 comparada ao ano de 2015, com taxas de 24,36% e 0,81%, respectivamente. Convém destacar, também, que o número de estabelecimentos de granja vem crescendo no estado do Ceará.

A atividade de leite foi a que registrou maior estimativa de queda, com variação de (-17,76%). Essa atividade manteve o crescimento na produção até o ano de 2014, porém, com a crise causada pelo quinto ano de seca, a produção leiteira foi fortemente atingida, registrando forte queda. Ademais, houve também queda na produção de bovinos (-10,26%). Sem pastagem para o animal, os pecuaristas tentam diminuir os prejuízos com ração e utilização da palma forrageira, mas nem sempre é suficiente (Gráfico 4.3).

**Gráfico 4.3:** Taxa de crescimento (%) de produção animal – Ceará 2015-2016



Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE.

Com relação aos reservatórios cearenses, verificou-se que a situação mais vulnerável, segundo a Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH), está no Baixo Jaguaribe, com zero da capacidade de armazenamento. Em seguida estão as regiões de Sertões de Crateús e Curu, ambas com um pouco mais de 2,0% da capacidade. Em melhor situação estão as regiões

do Coreaú e Litoral, com 26,36% e 27,14%, respectivamente. Em termos absolutos, o maior volume de água encontra-se na região do Alto Jaguaribe e Médio Jaguaribe. Vale ressaltar que esse volume vem diminuindo a cada dia, deixando todas as regiões com forte dependência de ações públicas assistencialistas.

Atualmente os reservatórios de água do Ceará somam um volume de 1.285 milhões de metros cúbicos, ou seja, encerraram o ano de 2016 com o equivalente a apenas a 6,9% da capacidade do Estado. As chuvas do ano não foram suficientes para gerar aportes para os reservatórios. O Estado do Ceará, desde 2015, vem fazendo um grande esforço para atender a demanda de água do estado.

**Tabela 4.2:** Capacidade e volume de armazenamento das Bacias Hidrográficas do Ceará – 2016

Regiões	Quantidade de açudes monitorados	Capacidade (m <sup>3</sup> )	Volume (em dezembro 2016)	
			Volume (m <sup>3</sup> )	Volume (%)
Acaraú	14	1.721.047.165	122.613.033	7,12
Alto Jaguaribe	23	2.778.546.000	393.481.041	14,16
Baixo Jaguaribe	1	24.000.000	0	0,00
Banabuiú	19	2.759.753.240	49.502.962	1,79
Coreaú	9	308.660.000	81.364.873	26,36
Curu	13	1.028.210.000	15.691.492	1,53
Litoral	10	215.132.392	58.387.521	27,14
Médio Jaguaribe	15	7.389.107.414	350.724.647	4,75
Metropolitanas	19	1.371.412.000	146.141.698	10,66
Salgado	15	452.312.000	41.204.484	9,11
Serra da Ibiapaba	1	141.000.000	20.320.066	14,41
Sertões de Crateús	10	448.047.203	6.440.598	1,44
<b>Ceará</b>	<b>149</b>	<b>18.637.227.414</b>	<b>1.285.872.415</b>	<b>6,90</b>

Fonte: COGERH. Elaboração IPECE.

Conforme prognosticado ao longo do ano de 2016, o setor agropecuário cearense, por mais um ano consecutivo, apresentou desempenho negativo, apresentando assim uma forte tendência de queda desde o ano de 2012. Vale ressaltar que o ano de 2016 foi considerado um dos piores dos últimos vinte anos para o setor.

Essa fraca atuação do setor agropecuário está fortemente relacionada com o pequeno volume de chuvas ocorridas nos últimos anos no Ceará, ocasionando grave situação hídrica, solos cada vez mais seco e pobre de minerais de matérias orgânicas, causando forte queda na produtividade das atividades do setor e prejudicando assim a produção agrícola e pecuária.



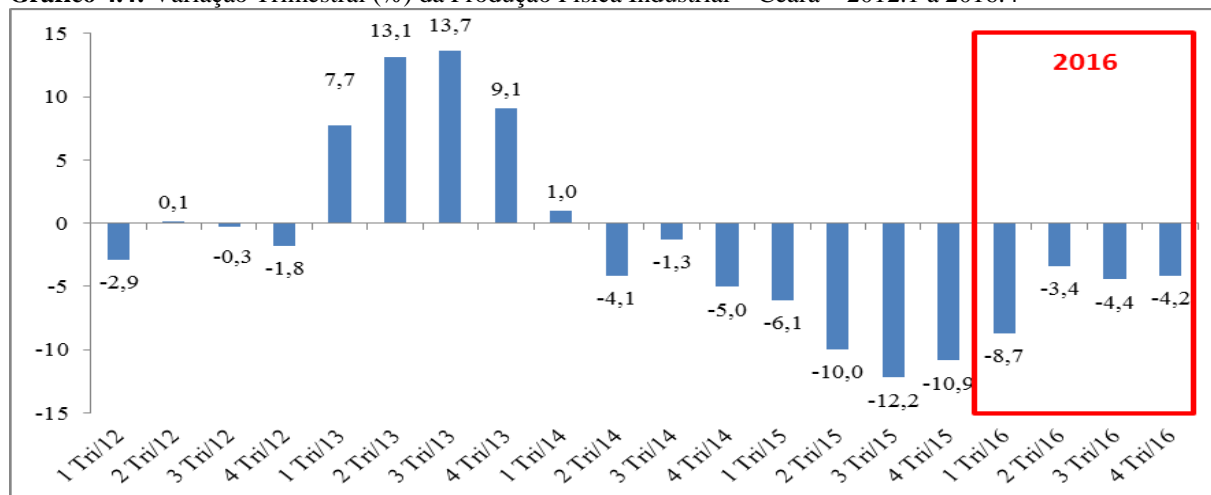
## 4.2 Indústria

### *Indústria de Transformação (Produção Física)*

Os resultados do último trimestre de 2016 mantiveram a dinâmica da produção industrial cearense em patamares negativos. Nos meses de outubro a dezembro, a atividade apresentou retração de 4,2% em relação ao mesmo período de 2015, acumulando onze trimestres seguidos de queda na produção na comparação trimestral. Como já destacado na edição anterior, o último resultado trimestral positivo se deu no longínquo primeiro trimestre de 2014. Os dados constam no indicador de produção física da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE (PIM-PF/IBGE).

Adicionalmente, é preciso considerar que tais números ocorrem sobre uma base de comparação já fortemente negativa. A persistência dos resultados negativos, de fato, ratifica a gravidade do quadro atual e a dificuldade da indústria em reencontrar o crescimento da produção, mas não deixa de ser positivo que o ritmo de queda tenha se tornado relativamente mais lento no movimento trimestre a trimestre. O Gráfico 4.4, a seguir, mostra as taxas trimestrais explorando um período mais longo, a partir de 2012, o que permite compreender melhor a dinâmica da produção local.

**Gráfico 4.4:** Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial – Ceará – 2012.1 a 2016.4



Fonte: PIM-PF/IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior.

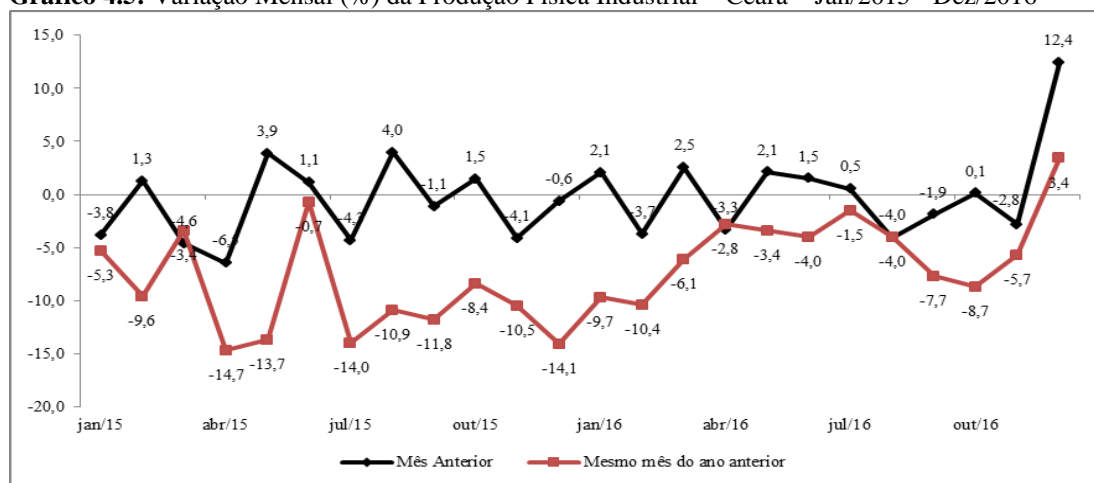
Se na avaliação trimestral os números permaneceram negativos, na comparação mensal os meses de outubro a dezembro trouxeram um resultado positivo importante. Após uma longa sequência de quedas mensais na produção, o mês de dezembro registrou uma expansão de 3,4% sobre o mesmo mês do ano anterior. O último número positivo nesta base de

comparação havia ocorrido em dezembro de 2014. Antes, porém, do resultado de dezembro os meses de outubro e novembro mantiveram o panorama anterior e registraram novas reduções de -8,7% e -5,7%, respectivamente, nesta mesma base de comparação.

Já na avaliação contra os meses imediatamente anteriores, a manufatura cearense, após oscilar nos meses de outubro e novembro, registrou em dezembro a maior expansão de toda a série neste tipo de comparação. De fato, no último mês do ano, a indústria experimentou um crescimento de 12,4% em relação a novembro. Nos demais meses, os resultados foram uma expansão de 0,1% em outubro sobre setembro e uma retração de 2,8% em novembro sobre outubro. O Gráfico 4.5 apresenta esses resultados.

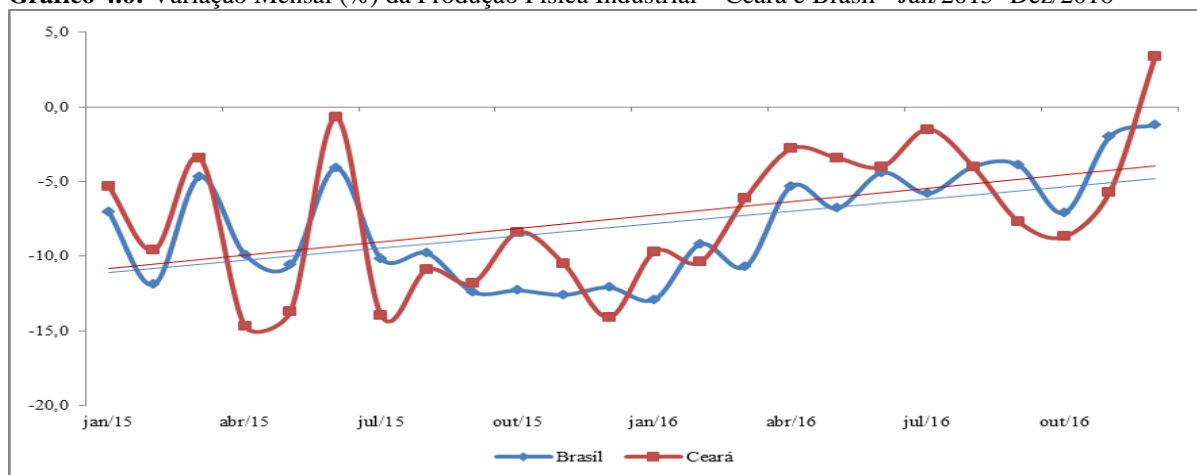
Ao contrário do percebido no terceiro quarto do ano, os resultados mensais do último trimestre de 2016 sugerem uma melhora do desempenho na margem. Esse movimento marginal, mesmo não assegurando o retorno de resultados positivos no acumulado, afasta a indústria do ambiente de severa contração como o observado em 2015 e reaquece as expectativas de uma retomada da atividade ao longo de 2017.

**Gráfico 4.5:** Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará – Jan/2015 - Dez/2016



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

O Gráfico 4.6, a seguir, compara a trajetória mensal da atividade industrial no Ceará e no Brasil. É possível perceber a melhora do ritmo da produção em ambos, mas com intensidade levemente superior no Ceará. No gráfico, as linhas retas indicam a tendência do comportamento no período e confirmam a melhor trajetória para indústria cearense.

**Gráfico 4.6:** Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará e Brasil - Jan/2015- Dez/2016

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. As linhas retas indicam tendência de comportamento dos dados no período considerado.

No comparativo com os demais Estados, os resultados do quarto trimestre mantiveram o quadro de redução continuada da produção industrial para todas as unidades da federação<sup>3</sup>. De fato, no resultado para o acumulado do ano, todas as unidades com levantamento amargaram queda em 2016 na comparação com 2015. Entre estas, destaque para Amazonas (-11,2%), Pernambuco (-9,5%), Goiás (-6,4%) e Rio de Janeiro (-6,2%). A indústria cearense, por sua vez, acumulou uma redução de 5,2% em 2016, o que configura a sexta maior queda entre os estados brasileiros. O resultado cearense supera a marca nacional, que aponta para uma queda de 6,1% em relação ao ano passado, mas é inferior ao resultado apresentado pelo conjunto da região Nordeste (-3,2%). A Tabela 4.3 traz os resultados para os Estados pesquisados, para o país e a região.

<sup>3</sup> O comparativo considera apenas a indústria de transformação. Desconsidera a indústria extrativa que é computada no resultado da indústria geral.

**Tabela 4.3:** Variação (%) da Produção Física Industrial – Brasil e Estados – Out-Dez/2015 e 2016 e Acumulado do Ano

Brasil e Estados	Variação Mensal (2015)			Acumulado Ano (2015)	Variação Mensal (2016)			Acumulado Ano (2016)
	Out	Nov	Dez		Out	Nov	Dez	
<b>Brasil</b>	<b>-12,3</b>	<b>-12,6</b>	<b>-12,1</b>	<b>-9,8</b>	<b>-7,1</b>	<b>-2,0</b>	<b>-1,2</b>	<b>-6,1</b>
<b>Nordeste</b>	<b>-3,1</b>	<b>-6,0</b>	<b>-5,0</b>	<b>-2,8</b>	<b>-2,6</b>	<b>-3,4</b>	<b>-0,5</b>	<b>-3,2</b>
Mato Grosso	0,0	1,3	12,1	2,5	-21,5	0,9	-2,3	-1,1
Espírito Santo	-3,1	2,2	6,3	1,8	5,3	-8,1	0,7	-1,5
Santa Catarina	-12,1	-6,3	-10,3	-8,1	-4,9	-1,8	6,3	-3,3
Rio Grande do Sul	-16,5	-13,2	-11,3	-11,5	-4,5	-1,8	3,3	-3,8
Bahia	-9,1	-13,1	-3,4	-6,9	-6,5	-4,9	-8,3	-4,2
Minas Gerais	-10,1	-13,7	-8,6	-10,0	-10,8	-1,3	-2,4	-4,3
Paraná	-13,4	-13,6	-14,6	-8,8	-2,0	6,4	6,5	-4,3
Pará	-7,2	-8,8	-11,9	-4,2	-6,0	0,2	3,8	-5,0
<b>Ceará</b>	<b>-8,4</b>	<b>-10,5</b>	<b>-14,1</b>	<b>-9,9</b>	<b>-8,7</b>	<b>-5,7</b>	<b>3,4</b>	<b>-5,2</b>
São Paulo	-12,9	-13,3	-12,8	-11,0	-6,8	0,7	-0,6	-5,5
Rio de Janeiro	-17,1	-17,3	-16,3	-12,2	4,3	3,2	-2,9	-6,2
Goiás	-4,4	-7,7	-2,5	0,9	-9,9	-15,3	-9,7	-6,4
Pernambuco	-4,4	-1,7	-13,3	-3,6	-0,6	-6,4	5,6	-9,5
Amazonas	-22,3	-21,6	-31,7	-18,0	-8,4	4,7	3,8	-11,2

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2016.

### Resultados Setoriais

As atividades industriais voltaram a apresentar um desempenho heterogêneo no último trimestre de 2016, seguindo o comportamento dos períodos passados. Se por um lado, não é possível perceber um crescimento mais difuso entre os setores, por outro, tem-se um quadro de reduções menos generalizado do que aquele observado ainda em 2015. Entre as onze atividades pesquisadas, quatro apresentaram expansão na produção nos meses de outubro a dezembro, com destaque para segmentos importantes do parque industrial cearense.

A fabricação de têxteis, com aumento de 28,7%, experimentou o segundo trimestre seguido de expansão, recuperando parte das perdas decorrentes do ano ruim que foi 2015. Outro setor tradicional e responsável por muitos empregos no interior do Estado, o segmento de couros e calçados, com crescimento de 3,3%, registrou o terceiro trimestre seguido de aumento na produção na comparação com 2015. Em ambos os casos, além do desempenho estar associado a uma retomada cíclica da atividade, depois de várias e seguidas quedas na produção, o atual momento de expansão parece estar relacionado aos movimentos favoráveis na taxa de câmbio, que aumentam a competitividade (em preço) dos produtos cearenses frente aos importados. A produção de alimentos também experimentou seu segundo período de aumento na produção

(0,8%), seguida pela maior produção de máquinas e materiais elétricos, que voltou a crescer no trimestre.

Contrapondo o quadro positivo, outras sete atividades amargaram retração na produção no último quarto do ano. Entre estas, algumas também importantes para setor no Estado, como confecção de artigos do vestuário (-5,0%), produtos de minerais não metálicos (-16,0%) e bebidas (-22,4%). Em todos estes casos, os diagnósticos se mantêm. Para as atividades de confecção e de fabricação de bebidas, a produção guarda relação com a capacidade de consumo das famílias e numa realidade de maior restrição orçamentária, a redução do consumo afeta negativamente as linhas de produção industrial. Já a produção de minerais não metálicos parece estar sentido os efeitos da retração sentida na construção civil no Ceará. A Tabela 4.4, a seguir, apresenta os números para atividades industriais.

**Tabela 4.4:** Variação Trimestral (%) da Produção Física por Atividades Industriais – Ceará – 2015 e 2016

Setores	Variação Trimestral (2015)				Variação Trimestral (2016)			
	2015 I	2015 II	2015 III	2015 IV	2016 I	2016 II	2016 III	2016 IV
<b>Indústrias de transformação</b>	<b>-6,1</b>	<b>-10,0</b>	<b>-12,2</b>	<b>-10,9</b>	<b>-8,7</b>	<b>-3,4</b>	<b>-4,4</b>	<b>-4,2</b>
Fabricação de produtos têxteis	-25,5	-34,7	-37,3	-35,8	-14,7	-3,5	12,7	28,7
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-10,2	-17,5	-9,2	-6,6	-0,7	3,8	-3,1	4,2
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	0,2	-11,0	-13,0	-15,8	-12,0	2,9	0,8	3,3
Fabricação de produtos alimentícios	-1,7	-7,4	-13,6	-2,5	-6,8	-1,0	2,8	0,8
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-14,0	6,1	-6,6	-16,0	-8,8	-16,6	-16,6	-5,0
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-2,7	-17,9	-10,1	16,8	7,8	27,3	25,9	-11,0
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-4,7	-4,2	6,0	-24,4	-20,0	-33,6	-48,2	-11,1
Metalurgia	-8,0	-13,6	-13,9	-28,9	-16,6	-25,6	-33,1	-11,1
Fabricação de outros produtos químicos	-16,1	6,5	-23,9	-9,0	22,5	11,3	-10,6	-13,5
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	0,0	4,5	-0,6	-8,4	-12,5	-12,6	-20,4	-16,0
Fabricação de bebidas	-9,3	-17,7	-8,1	-4,2	-13,4	-11,0	-11,2	-22,4

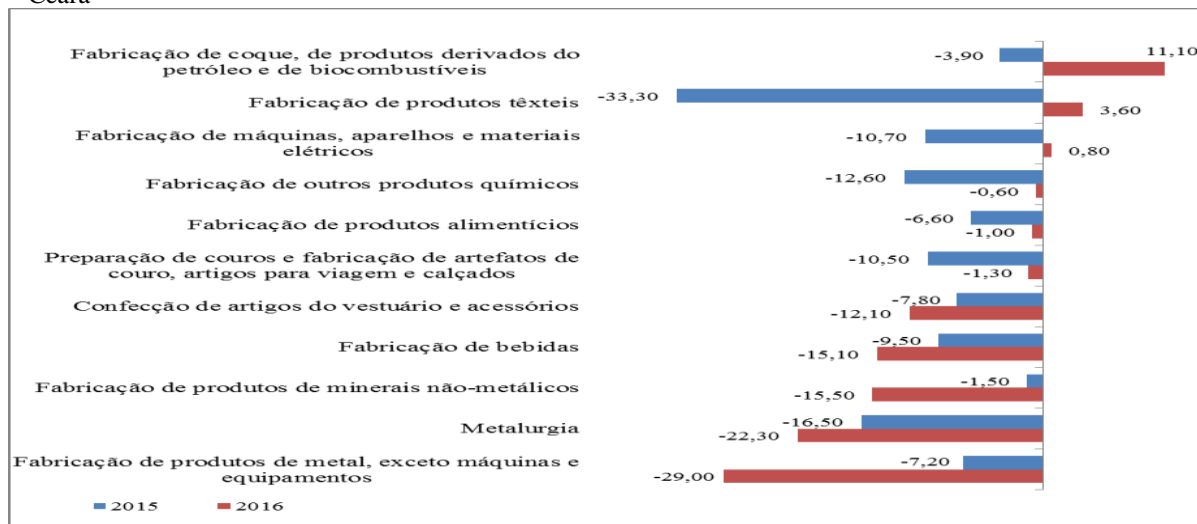
Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado por 2016.IV.

O Gráfico 4.7, na sequência, compara a taxa de crescimento acumuladas para 2015 e 2016. No ano, a maior parte dos setores melhorou o desempenho em relação a 2015, seja crescendo, seja reduzindo o ritmo de perdas. Entre aqueles que fecharam 2016 com resultado positivo, destaque para a fabricação de produtos têxteis que voltou a evoluir. Outras atividades

tradicionais e importantes também apresentaram uma melhora relativa ao desempenho de 2015, mesmo que ainda não tenham registrado crescimento no acumulado do ano, como alimentos e couro e calçados.

**Gráfico 4.7:** Taxa de Crescimento Acumulada (%) da Produção Física por Atividades Industriais – 2015 e 2016 – Ceará



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2016.

O ano de 2016, apesar dos resultados negativos, termina melhor do que o ano de 2015. Em conjunto, a indústria de transformação no Ceará reduziu de forma relevante as perdas em relação a 2015 e passou a apresentar resultados positivos na margem, que podem ser percebidos como sinais iniciais de uma retomada mais consistente para os próximos meses.

Apesar do viés otimista da avaliação, é preciso ter em mente que o ano de 2016 foi, de fato, de encolhimento da atividade. A melhora, que a esta altura é apenas marginal, está associada a movimentos distintos, tais como a diminuição dos estoques industriais, o posicionamento do câmbio em patamares mais favoráveis ao setor e uma recuperação cíclica da atividade. A tais fatores somam-se a melhora do ambiente econômico e político ao nível nacional, a redução da inflação e da taxa de juros favorecendo uma retomada gradual da confiança e a formação favorável das expectativas por parte dos agentes.

Por fim, para que esse movimento marginal se transforme, de fato, em uma retomada da trajetória de crescimento por parte da indústria cearense, se mantém fundamental a continuidade da melhora do ambiente econômico e político nacionais, com a adoção de reformas necessárias para recuperar a confiança dos agentes econômicos, bem como de



medidas que favoreçam a retomada da economia no curto prazo. Neste particular, o arrefecimento do processo inflacionário e a perspectiva de um movimento mais intenso de redução da taxa de juros jogam a favor.

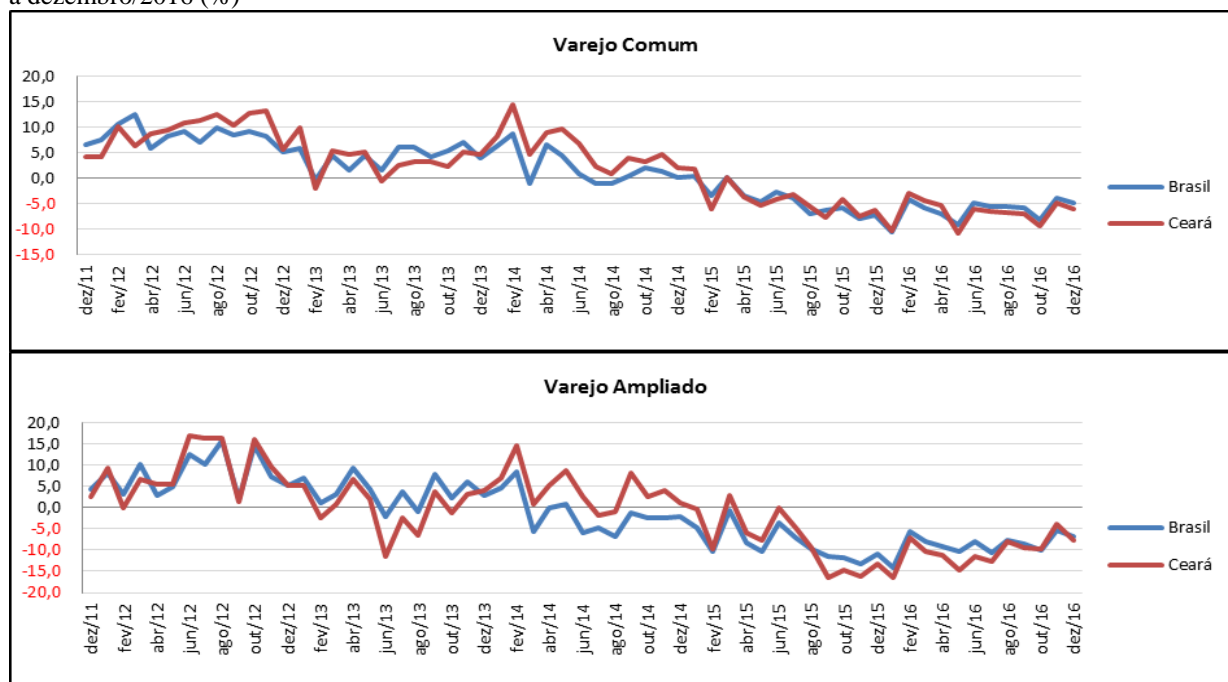
### 4.3 Serviços (Comércio Varejista)

#### *Varejo Comum e Varejo Ampliado*

Dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE no Gráfico 4.8 revelam a dinâmica mensal do volume de vendas do varejo comum e ampliado nacional e cearense nos últimos cinco anos. Nota-se que em março de 2015 foi a última vez que o varejo comum nacional (+0,3%) e cearense (+0,1%) registraram variação mensal positiva. Já no varejo ampliado a última vez que o país registrou alta nas vendas foi em maio de 2014 (+0,7%) e o varejo cearense foi em março de 2015 (+2,8%).

É também possível notar que tanto no varejo comum quanto no ampliado o estado do Ceará apresentou maior desaceleração no ritmo de vendas mensais quando comparado aos anos anteriores e que mais especificamente no último ano, o varejo comum cearense registrou sucessivamente variações negativas mensais superiores às registradas pelo varejo nacional. Efeito semelhante e mais intenso foi também observado para o varejo ampliado.

**Gráfico 4.8:** Variação mensal do volume de vendas do varejo comum e ampliado – Brasil e Ceará – dezembro/2011 a dezembro/2016 (%)

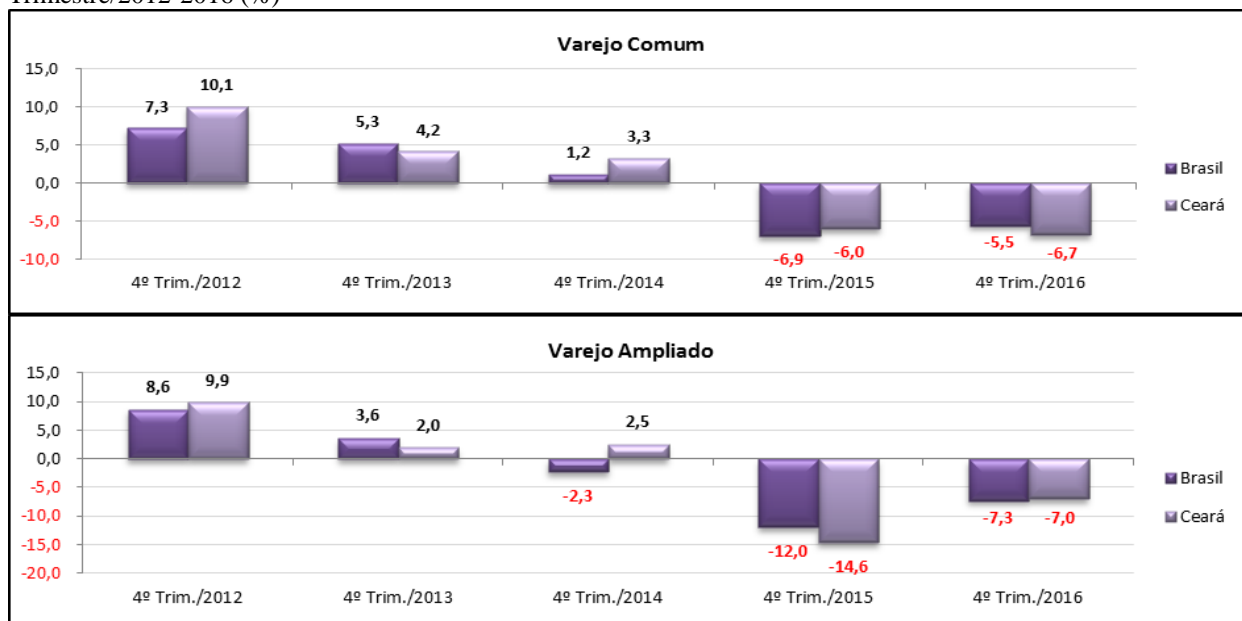


Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Já no Gráfico 4.9 é possível observar o comportamento do volume das vendas do varejo comum e ampliado para o quarto trimestre dos últimos cinco anos. Nota-se que o quarto trimestre de 2012 foi o que registrou as maiores altas no volume de vendas tanto para o varejo comum quanto para o varejo ampliado cearense e nacional.

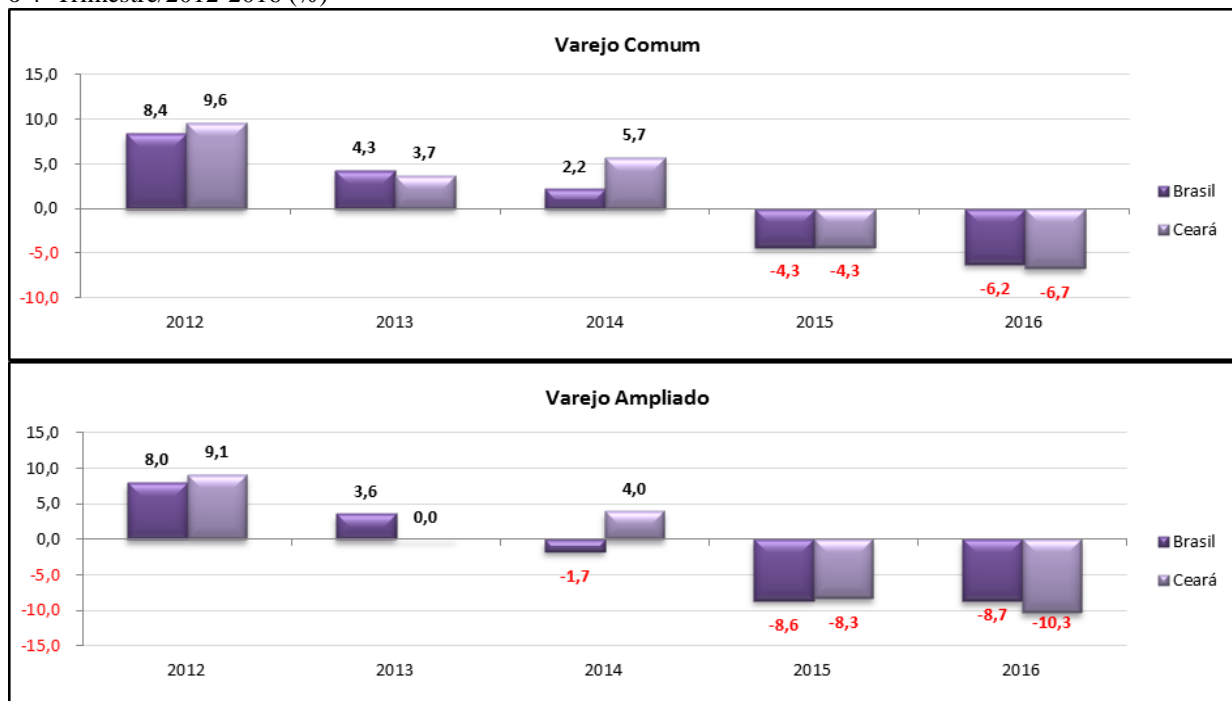
Além disso, é possível observar que os varejos comum e ampliado cearense apresentaram queda somente no quarto trimestre dos últimos dois anos. Enquanto a queda no varejo comum cearense registrou aumento na comparação de 2015 e 2016, a queda no varejo ampliado registrou diminuição na mesma comparação.

**Gráfico 4.9:** Variação trimestral do volume de vendas do varejo comum e ampliado – Brasil e Ceará – 4º Trimestre/2012-2016 (%)



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Dados do Gráfico 4.10 revelam que o varejo comum cearense registrou queda de 6,7% no ano de 2016, levemente superior à registrada pelo varejo comum nacional (-6,2%). No varejo ampliado, o estado também registrou desempenho superior (-10,3%) em relação ao país (-8,7%). Nota-se que ambos vêm registrando quedas sucessivas nos últimos dois anos, resultado da crise econômica que tem assolado o país, caracterizada por forte ascensão dos preços e elevado nível de desemprego, o que tem afetado bastante a massa salarial e o consumo.

**Gráfico 4.10:** Variação do volume de vendas do varejo comum e ampliado – Brasil e Ceará – Acumulado do ano até o 4º Trimestre/2012-2016 (%)

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

#### *Análise do Comércio Varejista no Contexto Nacional*

Através da Tabela 4.5 é possível conhecer a variação anual do volume de vendas do varejo comum para o Brasil e para todos os estados do país considerando o período dos últimos cinco anos. Em 2016, apenas o estado de Roraima registrou crescimento nas vendas do varejo comum de 1,2%. As menores quedas no varejo foram observadas nos estados de Minas Gerais (-1,6%); Paraíba (-1,7%); São Paulo (-4,8%); Santa Catarina (-5,1%); Paraná (-5,2%); Rio Grande do Sul (-5,4%) e Alagoas (-6,4%). O estado do Ceará (-6,7%) registrou a oitava menor queda no varejo comum nacional.

Por outro lado, as maiores quedas nas vendas do varejo comum foram observadas nos estados do Amapá (-18,1%); Pará (-13,1%); Rondônia (-12,3%); Bahia (-12,1%) e Espírito Santo (-10,6%), apenas para listar as cinco maiores, todas acima da média do país, que registrou variação negativa de 6,2% no mesmo ano.

Em 2015, apenas o estado de Roraima havia conseguido obter variação positiva nas vendas do varejo comum revelando que todos os estados vêm sentindo os efeitos da crise macroeconômica presente no país. Além disso, quando se comparam os últimos dois anos da série é possível afirmar que os efeitos negativos da conjuntura econômica se acentuaram resultando em quedas

muito mais expressivas nas vendas do varejo estaduais, pois em apenas seis estados foram observadas algumas melhoras na taxa de variação anual.

**Tabela 4.5:** Variação anual do volume de vendas do varejo comum – Brasil e Estados – Acumulado até o 4º Trimestre – 2012 a 2016 (%)

Estados	2012	2013	2014	2015	2016
Roraima	26,7	3,3	9,9	6,7	1,2
Minas Gerais	6,7	0,9	2,6	-1,9	-1,6
Paraíba	9,6	9,2	2,6	-10,3	-1,7
São Paulo	9,7	4,2	1,2	-3,5	-4,8
Santa Catarina	7,4	2,6	0,4	-3,1	-5,1
Paraná	9,9	6,4	2,3	-3,2	-5,2
Rio Grande do Sul	9,0	3,8	2,3	-6,1	-5,4
Alagoas	8,4	7,0	4,5	-8,0	-6,4
<b>Ceará</b>	<b>9,6</b>	<b>3,7</b>	<b>5,7</b>	<b>-4,3</b>	<b>-6,7</b>
Maranhão	11,8	8,5	5,5	-7,0	-6,8
Mato Grosso do Sul	16,9	10,9	4,1	-1,6	-6,9
Rio de Janeiro	4,1	5,0	3,2	-3,2	-8,0
Tocantins	15,5	4,9	5,7	-3,7	-8,6
Piauí	7,0	3,8	2,6	-4,6	-8,8
Acre	12,8	4,0	12,6	-2,3	-9,0
Rio Grande do Norte	7,0	9,3	3,2	-3,8	-9,1
Goiás	8,8	4,6	1,4	-10,2	-9,3
Mato Grosso	6,5	6,0	2,5	-8,3	-9,6
Pernambuco	10,9	6,1	2,8	-7,7	-9,9
Sergipe	5,4	2,8	1,6	-1,6	-9,9
Distrito Federal	4,5	2,8	0,1	-5,9	-10,0
Amazonas	4,3	3,9	0,3	-7,3	-10,6
Espírito Santo	10,6	1,5	0,3	-7,7	-10,6
Bahia	9,7	2,7	4,6	-8,0	-12,1
Rondônia	5,7	9,3	9,3	-6,0	-12,3
Pará	8,1	5,9	2,9	-4,8	-13,1
Amapá	18,1	3,0	9,0	-12,2	-18,1
<b>Brasil</b>	<b>8,4</b>	<b>4,3</b>	<b>2,2</b>	<b>-4,3</b>	<b>-6,2</b>

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

(\*) Ordenado por 2016.

Por meio da análise da Tabela 4.6 é possível conhecer a variação anual do volume de vendas do varejo ampliado para todos os estados brasileiros considerando também os últimos cinco anos. Novamente, em 2016, apenas o estado de Roraima registrou crescimento nas vendas do varejo ampliado de 0,7%. As menores quedas no varejo foram observadas nos estados de Minas Gerais (-5,1%); Paraíba (-5,6%); Paraná (-6,2%); Rondônia (-7,0%); São Paulo (-7,0%); Mato Grosso do Sul (-7,0%); Santa Catarina (-7,9%); Alagoas (-8,0%); Rio Grande do Norte (-9,7%); e Rio Grande do Sul (-9,7%). O estado do Ceará (-10,3%) registrou a décima segunda menor queda no varejo ampliado nacional.

Por outro lado, as maiores quedas nas vendas do varejo ampliado nacional foram observadas nos estados do Amapá (-16,3%); Espírito Santo (-15,0%); Pará (-14,0%); Tocantins (-13,1%); e Distrito Federal (-12,2%), apenas para listar as cinco maiores.

A queda no varejo ampliado foi muito mais intensa que no varejo comum, tanto para as unidades federativas, como no agregado nacional. De fato, como no varejo ampliado são incluídos os setores de veículos, motocicletas, partes e peças e material de construção, ambos altamente ligados ao sistema de crédito, o impacto da queda da atividade econômica foi muito mais intenso nesses setores.

**Tabela 4.6:** Variação anual do volume de vendas do varejo ampliado – Brasil e Estados – Acumulado até o 4º Trimestre – 2012 a 2016 (%)

Estados	2012	2013	2014	2015	2016
Roraima	17,8	3,1	7,1	-0,5	0,7
Minas Gerais	5,7	-0,4	-0,2	-7,0	-5,1
Paraíba	7,4	8,4	2,5	-14,6	-5,6
Paraná	8,5	7,0	-3,0	-9,4	-6,2
Rondônia	5,9	1,0	5,7	-9,8	-7,0
São Paulo	9,7	3,0	-6,2	-5,9	-7,0
Mato Grosso do Sul	9,6	7,7	-0,6	-6,1	-7,0
Santa Catarina	4,3	3,7	1,5	-10,1	-7,9
Alagoas	13,0	5,1	2,3	-10,9	-8,0
Piauí	9,1	5,9	1,4	-8,8	-8,5
Rio Grande do Norte	7,6	8,8	2,2	-5,9	-9,7
Rio Grande do Sul	8,8	6,4	0,3	-13,2	-9,7
<b>Ceará</b>	<b>9,1</b>	<b>0,0</b>	<b>4,0</b>	<b>-8,3</b>	<b>-10,3</b>
Mato Grosso	14,3	4,8	0,5	-11,5	-10,8
Bahia	11,0	1,7	1,1	-9,2	-11,1
Rio de Janeiro	4,1	6,1	1,7	-8,0	-11,3
Amazonas	1,6	4,6	1,9	-10,5	-11,4
Acre	9,4	11,1	4,7	-11,3	-11,5
Maranhão	11,4	5,3	3,0	-11,3	-11,8
Goiás	8,6	5,3	-2,3	-15,0	-11,8
Pernambuco	9,1	5,2	1,4	-10,8	-11,9
Sergipe	7,5	2,0	2,2	-8,1	-12,2
Distrito Federal	6,8	-0,3	-0,5	-12,3	-12,2
Tocantins	15,7	2,4	5,3	-14,8	-13,1
Pará	11,9	2,6	2,0	-6,6	-14,0
Espírito Santo	2,8	-4,3	-3,9	-16,2	-15,0
Amapá	12,2	1,3	-0,2	-12,4	-16,3
<b>Brasil</b>	<b>8,0</b>	<b>3,6</b>	<b>-1,7</b>	<b>-8,6</b>	<b>-8,7</b>

Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

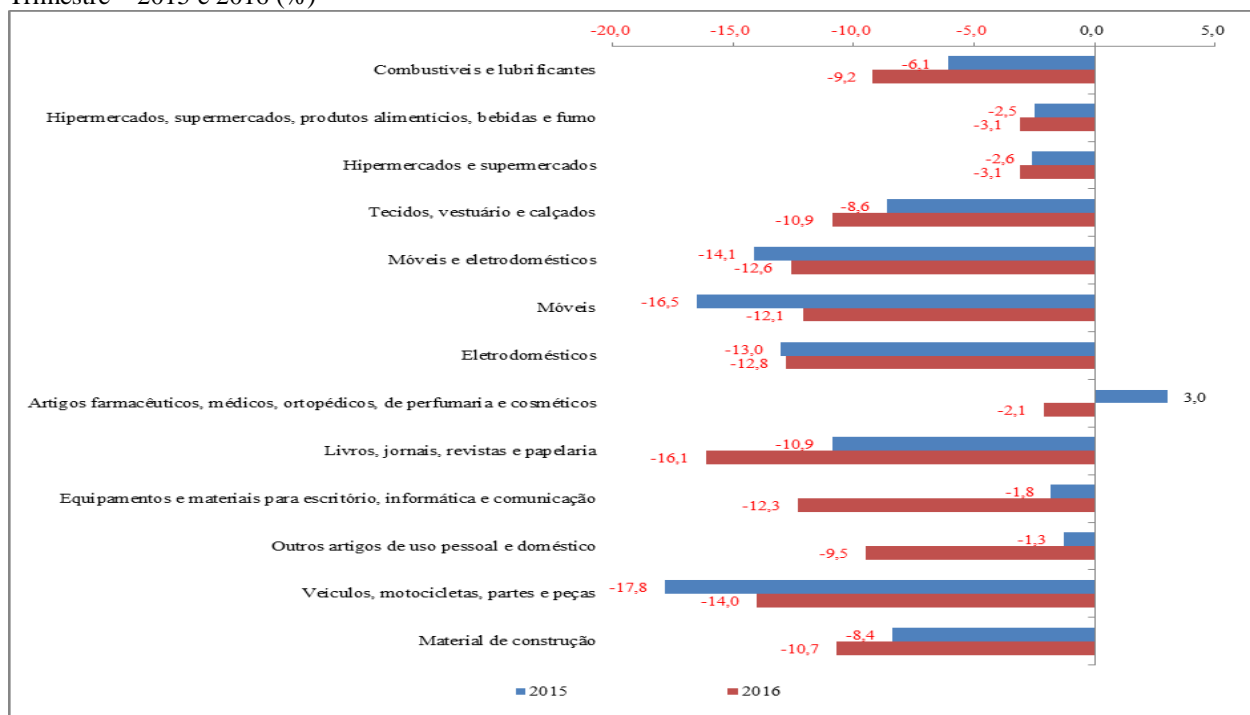
(\*) Ordenado por 2016.

#### *Análise do Comércio Varejista por Atividades*

Pela análise do Gráfico 4.11 abaixo é possível comparar a variação anual por atividade das vendas do varejo nacional no acumulado dos anos de 2015 (azul) e 2016 (vermelho). Nota-se que todas as treze atividades pesquisadas apresentaram queda em 2016, na comparação com 2015. As menores variações foram observadas em três atividades: artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (-2,1%); hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-3,1%); e hipermercados e supermercados (-3,1%), todas abaixo da queda registrada pelo varejo ampliado nacional (-8,7%).

Por outro lado, as maiores quedas foram observadas nas atividades de livros, jornais, revistas e papelaria (-16,1%); veículos, motocicletas, partes e peças (-14,0%); eletrodomésticos (-12,8%); móveis e eletrodomésticos (-12,6%); equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (-12,3%); móveis (-12,1%); tecidos, vestuário e calçados (-10,9%); material de construção (-10,7%); outros artigos de uso pessoal e doméstico (-9,5%); e combustíveis e lubrificantes (-9,2%).

**Gráfico 4.11:** Variação do volume de vendas do varejo por atividades – Brasil – Acumulado do ano até o 4º Trimestre – 2015 e 2016 (%)



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

Por fim, pela análise do Gráfico 4.12, a seguir, é possível comparar a variação anual por atividade das vendas do varejo cearense no acumulado dos anos de 2015 (azul) e 2016 (vermelho). Nota-se que também todas as treze atividades pesquisadas apresentaram queda superior em 2016, na comparação com 2015. As menores variações foram observadas nas atividades de móveis (-1,9%); hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-3,1%); tecidos, vestuário e calçados (-3,3%); combustíveis e lubrificantes (-4,6%); e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (-5,2%), todas com variação inferior a queda registrada no varejo ampliado cearense que foi de 10,3%.

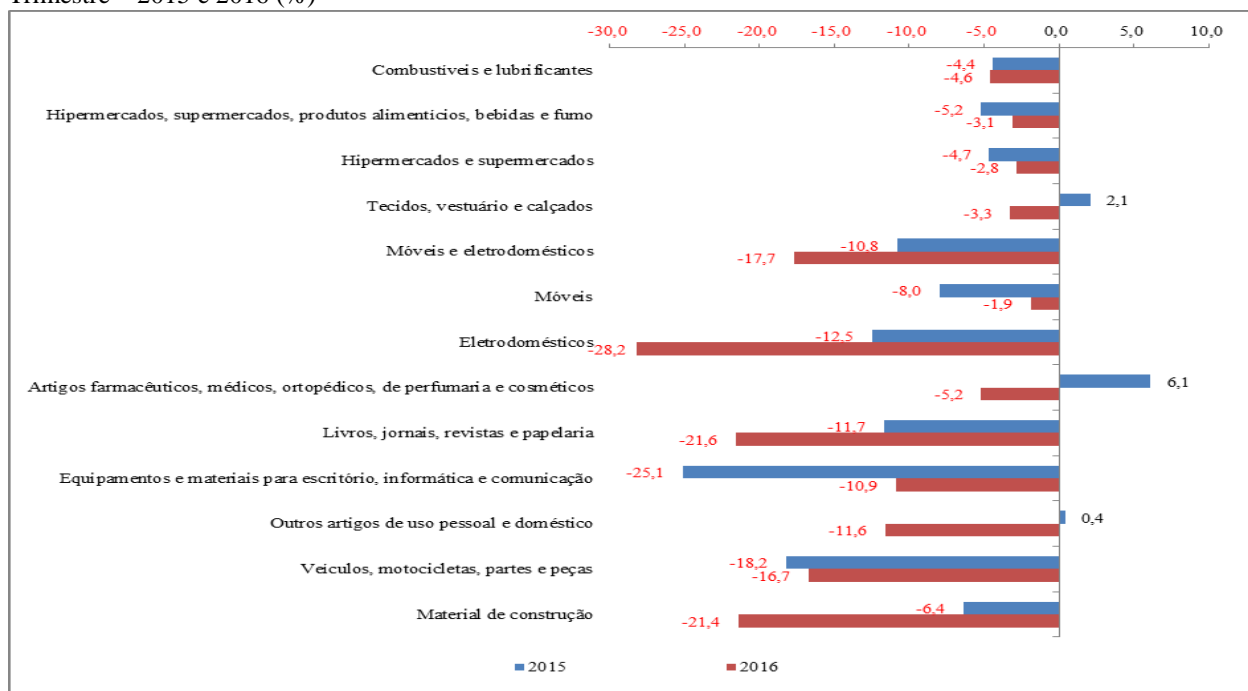
Por outro lado, as maiores quedas foram observadas nas atividades de eletrodomésticos (-28,2%); livros, jornais, revistas e papelaria (-21,6%); material de construção (-21,4%);



veículos, motocicletas, partes e peças (-16,7%); outros artigos de uso pessoal e doméstico (-11,6%); e equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (-10,9%).

Por fim, ao se comparar o desempenho do varejo cearense por atividade é possível concluir que ocorreu uma piora na grande maioria delas, pois passaram a registrar queda superior em 2016, superior à registrada em 2015, a exemplo de eletrodomésticos e de materiais de construção. Ademais se destaca também três atividades que passaram a apresentar queda em 2016: tecidos, vestuário e calçados; artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos; e Outros artigos de uso pessoal e doméstico.

**Gráfico 4.12:** Variação do volume de vendas do varejo por atividades – Ceará – Acumulado do ano até o 4º Trimestre – 2015 e 2016 (%)



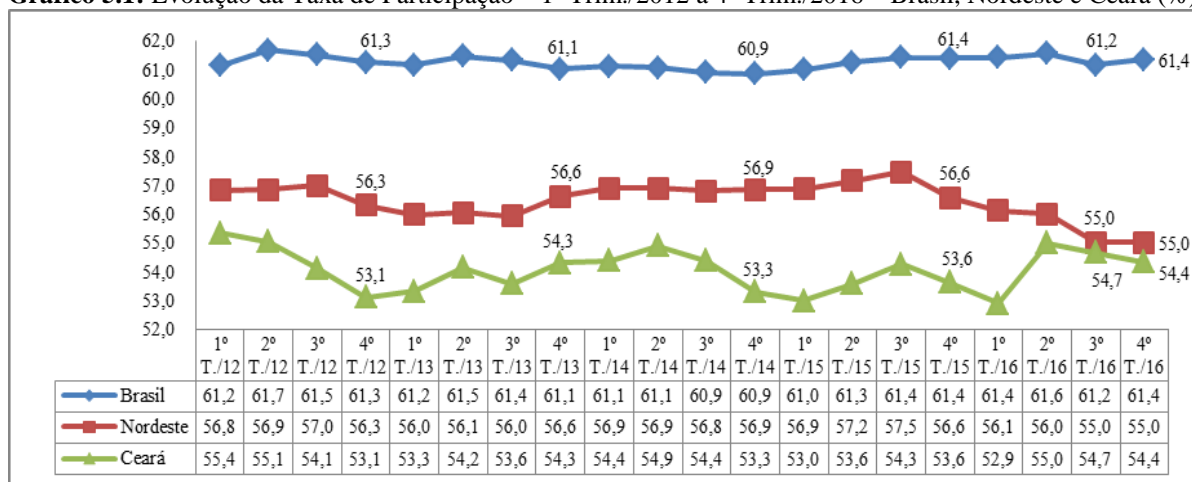
Fonte: PMC/IBGE. Elaboração: IPECE.

## 5 MERCADO DE TRABALHO

### 5.1 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

No Gráfico 5.1, abaixo, é apresentada a evolução da Taxa de Participação (TP), variável de cunho demográfico que descreve a dinâmica populacional entre a Força de Trabalho (FT) e a População em Idade de Trabalho (PIT). Os dados são referentes à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC) do IBGE.

**Gráfico 5.1:** Evolução da Taxa de Participação – 1º Trim./2012 a 4º Trim./2016 – Brasil, Nordeste e Ceará (%)



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). Elaboração: IPECE.

Dois pontos merecem destaque. Em primeiro lugar, pode-se observar que a TP (taxa de atividade) nacional varia de forma marginal ao longo da série histórica, mantendo-se praticamente estável desde o último trimestre de 2012 (61,3%) ao último trimestre de 2016 (61,4%). Na verdade, do 4ºT de 2015 ao 4ºT de 2016 a TP do Brasil manteve-se estável em 61,4%.

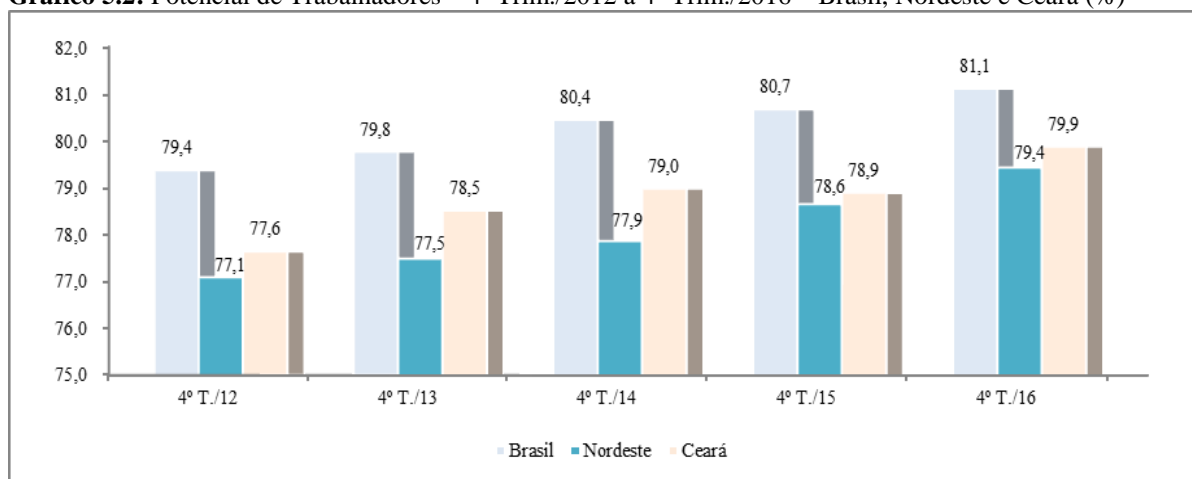
No Ceará, por sua vez, oscilações marginais tem provocado leves alterações na taxa de atividade cearense. Mais especificamente, observa-se que no quarto trimestre de 2015 53,6% da FT estava na PIT, saltando para 54,4% no quarto trimestre de 2016; ou seja, houve elevação de 0,8 ponto percentual (p.p.) do contingente de ocupados e desocupados na PIT no período de um ano, embora tenha apresentado uma leve queda do terceiro para o quarto trimestre de 2016 (de 54,7% para 54,4%).

Em segundo lugar, deve-se destacar o *gap* entre as TP do Brasil e a do Ceará de 7 p.p. no último trimestre de 2016, embora tenha havido redução nesse intervalo desde o último ano.

De fato, no quarto trimestre de 2015 a diferença entre as taxas de atividade do Brasil e do Ceará era de 7,8 p.p., caindo para 6,5 p.p. no terceiro trimestre de 2016, elevando-se novamente no último trimestre de 2016.

Parte desse diferencial da taxa de atividade dos trabalhadores cearenses em relação à taxa nacional é resultante da menor oferta potencial de trabalhadores, de acordo com o Gráfico 5.2 (1,5 p.p.). Os demais 5,5 p.p. de diferença podem ser explicados por questões relacionadas as especificidades do mercado de trabalho cearense com relação ao comportamento do mercado de trabalho nacional.

**Gráfico 5.2:** Potencial de Trabalhadores – 4º Trim./2012 a 4º Trim./2016 – Brasil, Nordeste e Ceará (%)



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). Elaboração: IPECE.

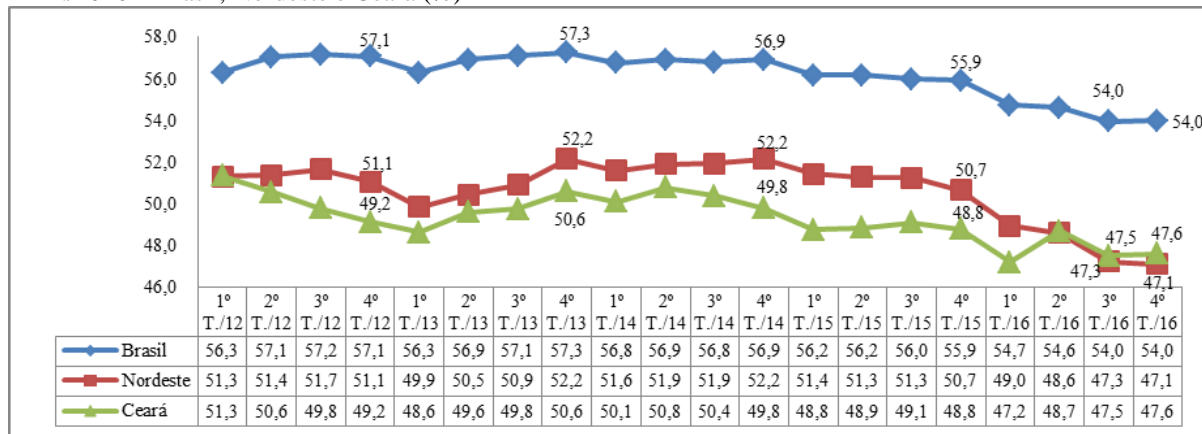
Os Gráficos 5.3 e 5.4 apresentam, respectivamente, o nível de ocupação (NO) e o nível de desocupação (ND). No Gráfico 5.3, observa-se que no quarto trimestre de 2016 havia uma diferença de 6,4 p.p. entre o NO do Brasil e do Ceará, e uma diferença de apenas 0,7 p.p. no ND entre as duas áreas. Portanto, 5,7 p.p. a mais correspondem ao quantitativo de ocupados do Brasil acima do Ceará.

Como já enfatizado, desses 5,7 p.p., 1,5 p.p. se dá em razão do potencial de trabalhadores, uma vez que no Ceará parte da estrutura demográfica é composta por uma menor oferta de trabalho (menor População em Idade de Trabalho).

Destaca-se também que o aumento de 0,8 p.p. da taxa de atividade é similar ao aumento dos desocupados em relação aos ocupados a partir da população cearense em idade de trabalhar. Portanto, o que os dados referentes ao Nível de Ocupação e Nível de Desocupação revelam é

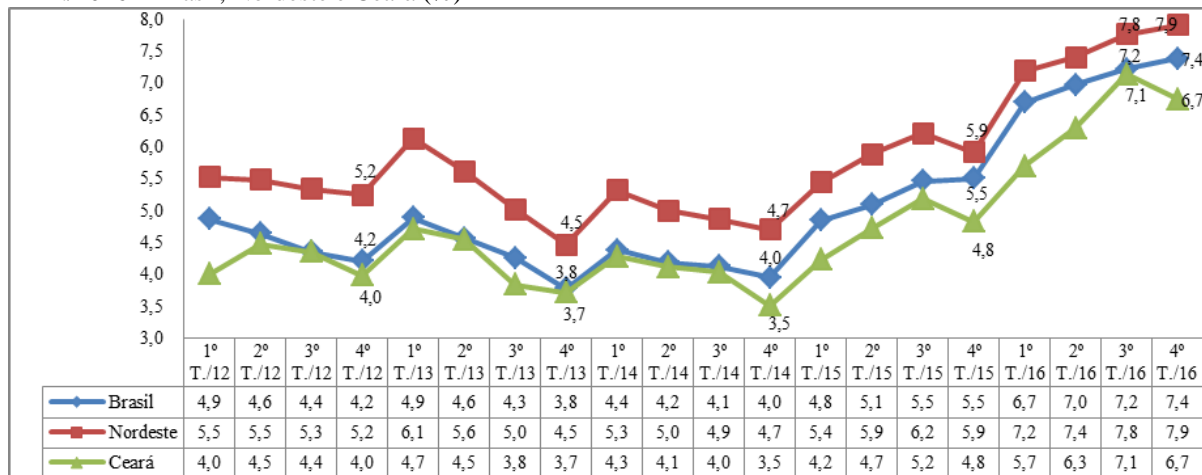
que o fluxo de pessoas que estavam fora da força de trabalho e migraram para dentro da força de trabalho pode ter sido determinante para a elevação dos desempregados tendo como base a População em Idade de Trabalhar, principalmente no Ceará.

**Gráfico 5.3:** Nível de Ocupação da População na População em Idade de Trabalhar – 1º Trim./2012 a 4º Trim./2016 – Brasil, Nordeste e Ceará (%)



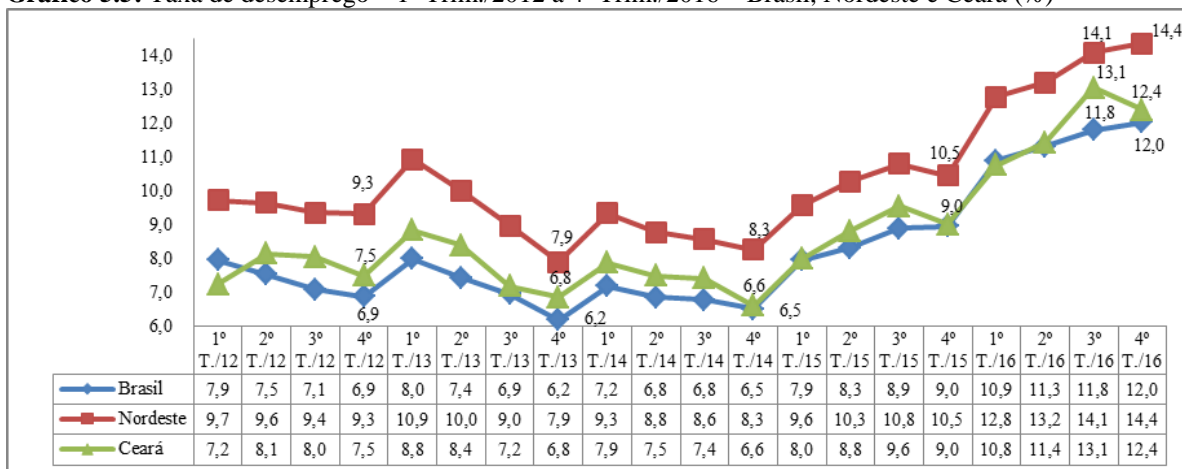
Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). Elaboração: IPECE.

**Gráfico 5.4:** Nível de Desocupação da População na População em Idade de Trabalhar – 1º Trim./2012 a 4º Trim./2016 – Brasil, Nordeste e Ceará (%)



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). Elaboração: IPECE.

No Gráfico 5.5 é apresentada a Taxa de Desemprego (TD), também denominada de taxa de desocupação. Em vista do quadro recessivo na economia nacional, a TD tem refletido todos esses aspectos conjunturais, além de outros aspectos estruturais e sazonais da atividade econômica.

**Gráfico 5.5:** Taxa de desemprego – 1º Trim./2012 a 4º Trim./2016 – Brasil, Nordeste e Ceará (%)

Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). Elaboração: IPECE.

Como destaque para o componente estrutural, ele pode ocorrer de pessoas antes classificadas fora da Força de Trabalho migrarem para dentro dela sendo, então, classificadas como procurando emprego na semana de referência. Por outro lado, pode vir a ocorrer também de aqueles que estavam procurando emprego migrem para fora da Força de Trabalho.

Adicionalmente, a extensão da crise econômica pode de tal modo contaminar parte da estrutura econômica fazendo com que pessoas já aposentadas tendam a retornar a busca por emprego, ou mesmo outros membros da família que estavam fora da força de trabalho passem a se inserir dentro dela no intuito de manter o poder de compra do domicílio. Essa mudança de comportamento tende a exacerbar ainda mais os desocupados, caso não haja preenchimento de vagas ou algum tipo de ocupação por parte dos novos entrantes.

Existe também a possibilidade de estudantes que completaram seu treinamento ou concluíram alguma etapa do ciclo escolar tenderem a se incorporar na FT. De fato, de 2010 a 2013 o programa de crédito educativo para nível superior (FIES) foi amplamente estendido, o que pode ter levado algumas pessoas a estarem fora da Força de Trabalho Potencial dedicando-se exclusivamente aos estudos. Certamente, em algum momento esse contingente de pessoas tende a se inserir no mercado de trabalho. Finalmente, a partir de determinada taxa de desocupação, a TD pode se elevar em razão de parte da FT (ocupados, no caso) migrarem para fora da força de trabalho, como trabalhadores conta-própria que encerram suas atividades ou mesmo aposentados ou até mesmo pessoas que estavam apenas ocupadas por insuficiência de horas.

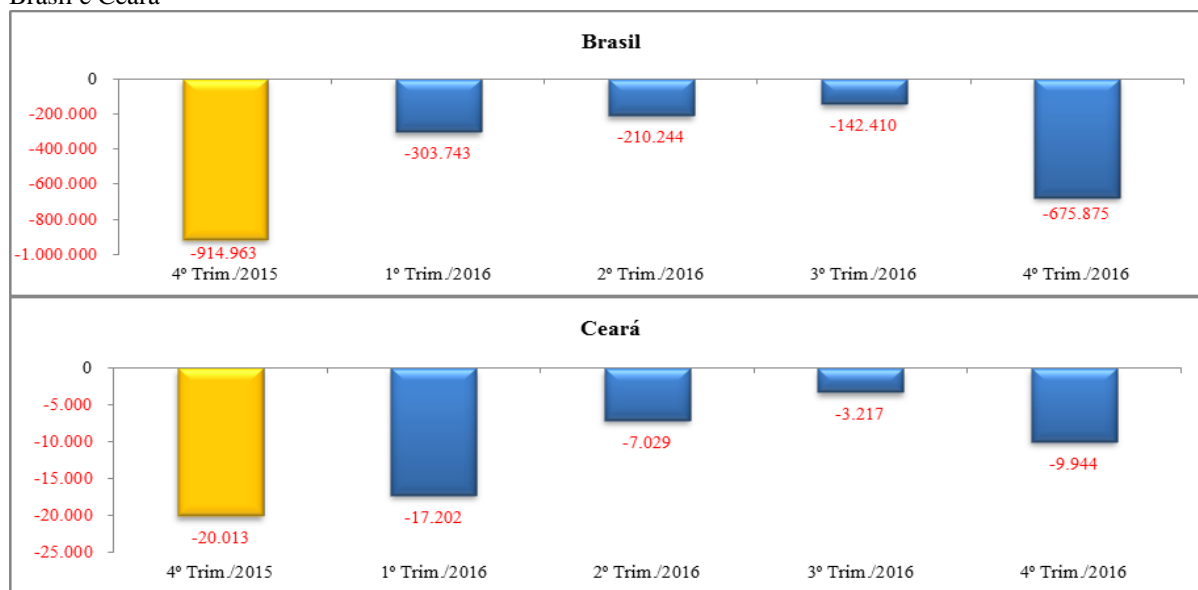
Como visto acima, a queda do NO foi menor que o aumento do ND tanto no Brasil como no Ceará. No Ceará, a taxa de atividade também se elevou do quarto trimestre de 2015 para o quarto trimestre de 2016. Esse maior influxo é também observado no Gráfico 5.5. De acordo com a PNADC, do 4º trimestre de 2015 para o 4º trimestre de 2016 a TD do Brasil e do Ceará cresceram, respectivamente, 3,0 p.p. e 3,4 p.p.

Essa tendência de aumento do desemprego só ficou clara na virada do 4ºT de 2014 para o 1ºT de 2015, embora a recessão já houvesse se iniciado no início de 2014 com quedas do PIB trimestral nacional. Destaca-se, ainda, que do terceiro para o quarto trimestre de 2016 o Brasil ainda elevou sua TD em 0,2 p.p., saltando de 11,8% para 12%, enquanto o Ceará reduziu de 13,1% para 12,4%.

## 5.2. Emprego Formal

Segundo dados do CAGED o primeiro (-17.202 vagas) e o último trimestre (-9.944 vagas) do ano de 2016 foram os que apresentaram os piores desempenhos no tocante a destruição de postos de trabalho com carteira assinada (Gráfico 5.6). Vale ressaltar que o mercado de trabalho nacional apresentou uma dinâmica semelhante, sendo que o quarto trimestre (-675.875 vagas) apresentou a maior destruição de vagas do ano.

**Gráfico 5.6:** Evolução trimestral do saldo de empregos celetistas – 4º trimestre/2015 ao 4º trimestre/2016 – Brasil e Ceará



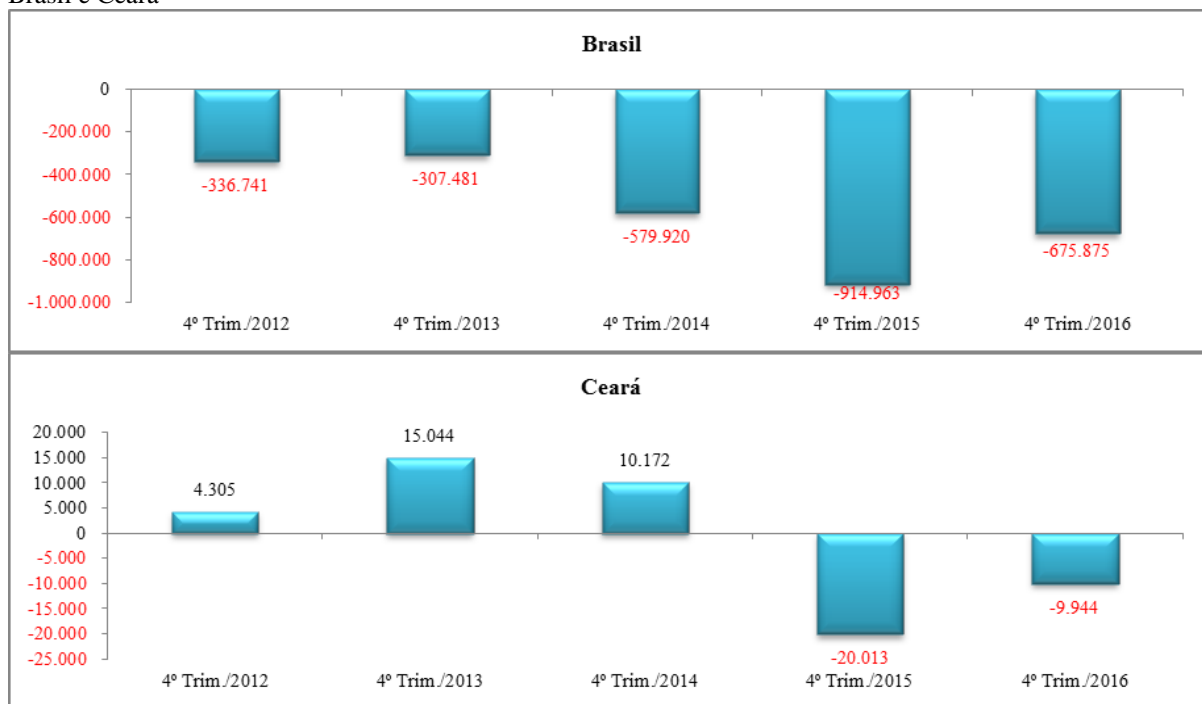
Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

Nota: Declarações dentro e fora do prazo. Data da coleta: 06/03/2017.



Pela análise do Gráfico 5.7 é possível observar a dinâmica de geração e destruição de postos de trabalho com carteira assinada apenas para o 4º trimestre dos últimos cinco anos. Como pode ser observado, era comum este trimestre registrar saldo positivo de empregos no estado do Ceará.

**Gráfico 5.7:** Evolução trimestral do saldo de empregos celetistas para o 4º trimestre dos anos de 2012 a 2016 – Brasil e Ceará



Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

Nota: Declarações dentro e fora do prazo. Data da coleta: 06/03/2017.

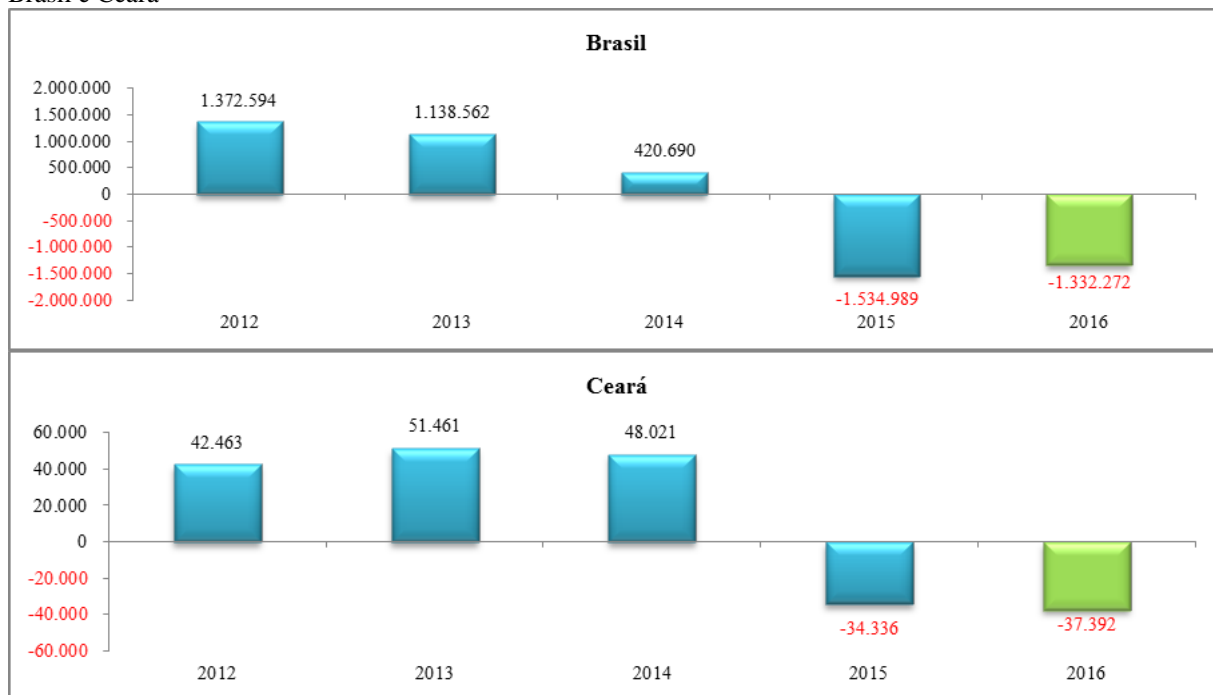
Todavia, com o advento da crise macroeconômica, tal comportamento foi bruscamente afetado passando a registrar perda significativa de vagas de trabalho. Apesar disso, é óbvia a desaceleração do ritmo de fechamento de vagas de trabalho na economia cearense quando se comparam os 4º trimestres dos últimos dois anos, revelando os primeiros sinais de uma possível melhora do mercado de trabalho local.

Por sua vez, a destruição de vagas no quarto trimestre do ano, já era algo esperado na economia nacional. O que realmente chamou a atenção foi a magnitude do fechamento de vagas em 2015 (-914.963 vagas) e em 2016 (-675.875 vagas).

O ano de 2016 registrou novamente uma intensa destruição de vagas de trabalho com carteira assinada na economia brasileira (-1.332.272 vagas), revelando que os efeitos da crise econômica se estenderam por mais um ano. Vale destacar que o resultado ora observado foi

inferior ao registrado em 2015 (-1.534.989 vagas), em mais de 200 mil vagas, revelando de certo modo uma reversão do comportamento de fechamento de vagas na economia nacional. Resultado semelhante de fechamento de vagas também foi observado para o estado do Ceará, com a diferença de que a destruição de vagas em 2016 (-37.392 vagas), foi superior à registrada em 2015 (-34.336 vagas), revelando que os efeitos da crise foram mais intensos no último ano (Gráfico 5.8).

**Gráfico 5.8:** Evolução do saldo de empregos celetistas – Acumulado do ano até o 4º trimestre/2012 a 2016 – Brasil e Ceará



Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

Nota: Declarações dentro e fora do prazo. Data da coleta: 06/03/2017.

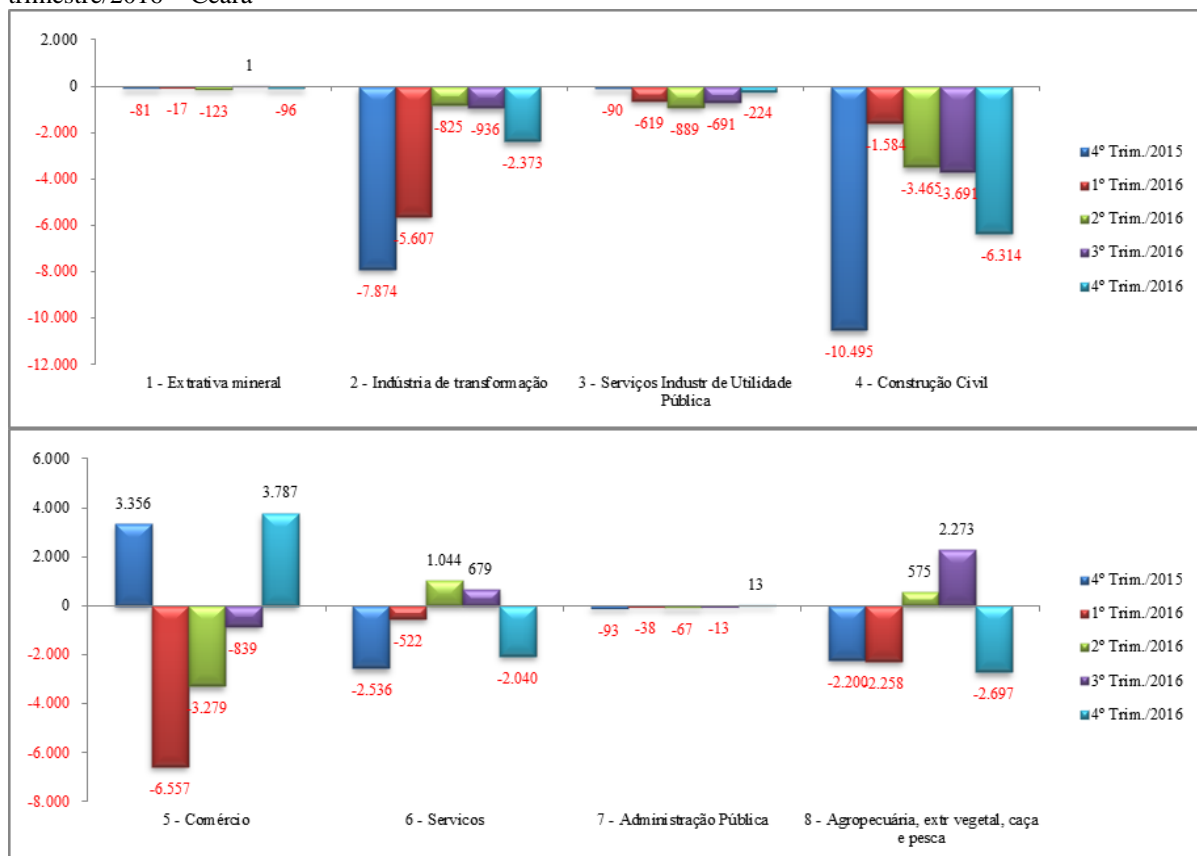
#### *Análise dos Empregos Celetistas Cearenses por Atividades*

Pela análise do Gráfico 5.9 é possível ter uma noção da dinâmica trimestral da geração e destruição de vagas de trabalho com carteira assinada nos oito setores que formam a economia cearense ao longo do ano de 2016, comparando com o resultado do final do ano de 2015.

Dos oito setores analisados, apenas dois apresentaram abertura de vagas no último trimestre do ano de 2016, comércio (+3.787 vagas) e Administração Pública (+13 vagas). Por outro lado, outros seis setores registraram destruição de vagas de emprego: Construção Civil (-6.314 vagas); Agropecuária, Extrativa Vegetal, Caça e Pesca (-2.697 vagas); Indústria de

transformação (-2.373 vagas); Serviços (-2.040 vagas); Serviços Industriais de Utilidade Pública (-224 vagas); Extrativa Mineral (-96 vagas).

**Gráfico 5.9:** Evolução trimestral do saldo de empregos celetistas por setores – 4º trimestre/2015 ao 4º trimestre/2016 – Ceará

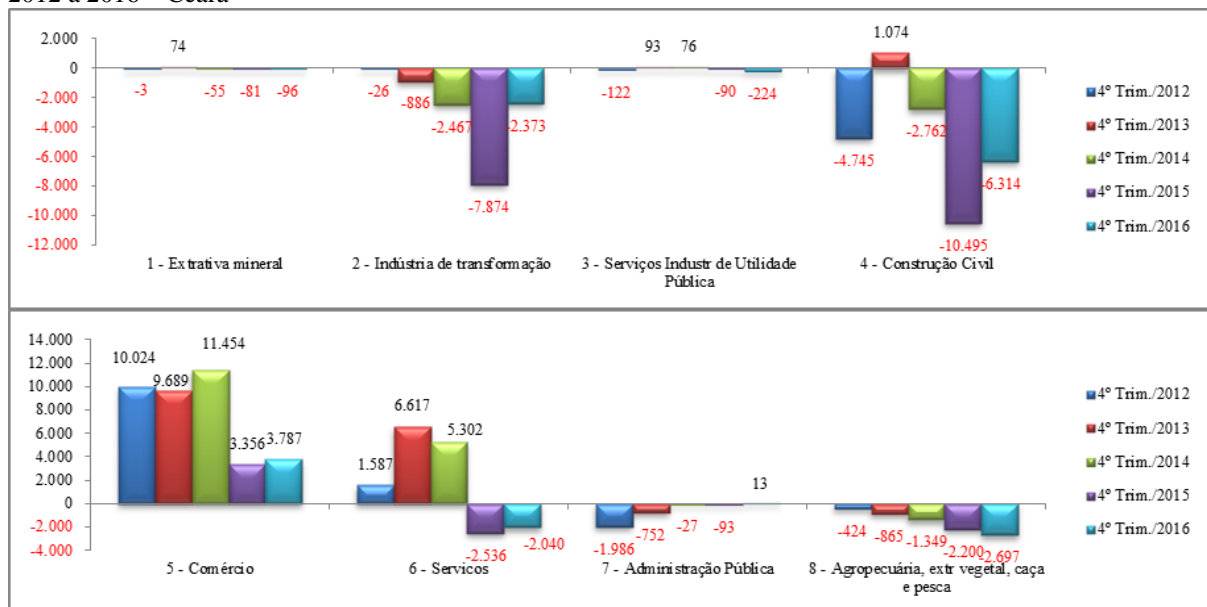


Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

Nota: Declarações dentro e fora do prazo. Data da coleta: 06/03/2017.

Através da análise do Gráfico 5.10 observa-se a dinâmica do saldo de empregos para o 4º trimestre nos últimos cinco anos. Três setores registraram saldo negativo inferior no 4º trimestre de 2016, comparado ao 4º trimestre de 2015: Indústria de transformação; Construção civil; e Serviços.

Por outro lado, outros três setores registraram saldo negativo superior no 4º trimestre de 2016, comparado ao 4º trimestre de 2015: Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca; Serviços Industriais de Utilidade Pública e Extrativa Mineral. Apenas o setor de Comércio registrou saldo positivo de empregos no 4º trimestre dos últimos dois anos.

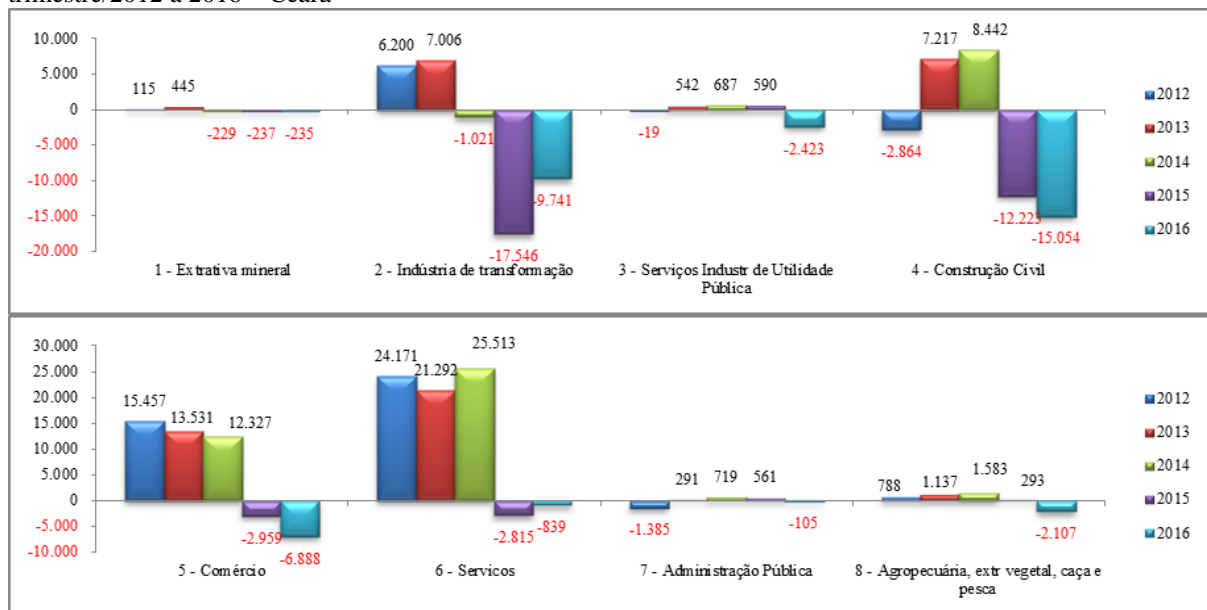
**Gráfico 5.10:** Evolução trimestral do saldo de empregos celetistas por setores para o 4º trimestre dos anos de 2012 a 2016 – Ceará

Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

Nota: Declarações dentro e fora do prazo. Data da coleta: 06/03/2017.

Por meio da análise do Gráfico 5.11 é possível conhecer a dinâmica do emprego com carteira assinada por setores da economia cearense para o acumulado até o quarto trimestre dos últimos cinco anos. Nota-se que todos os oito setores analisados registraram fechamento de postos de trabalho no acumulado do ano de 2016.

As maiores perdas foram observadas nos setores da Construção Civil (-15.054 vagas); Indústria de Transformação (-9.741 vagas); Comércio (-6.888 vagas); Serviços Industriais de Utilidade Pública (-2.423 vagas), para listar os quatro maiores. Em seguida aparecem: Agropecuária, Extrativa Vegetal, Caça e Pesca (-2.107 vagas); Serviços (-839 vagas); Extrativa Mineral (-235 vagas); Administração Pública (-105 vagas).

**Gráfico 5.11:** Evolução anual do saldo de empregos celetistas por setores – Acumulado do ano até o 4º trimestre/2012 a 2016 – Ceará

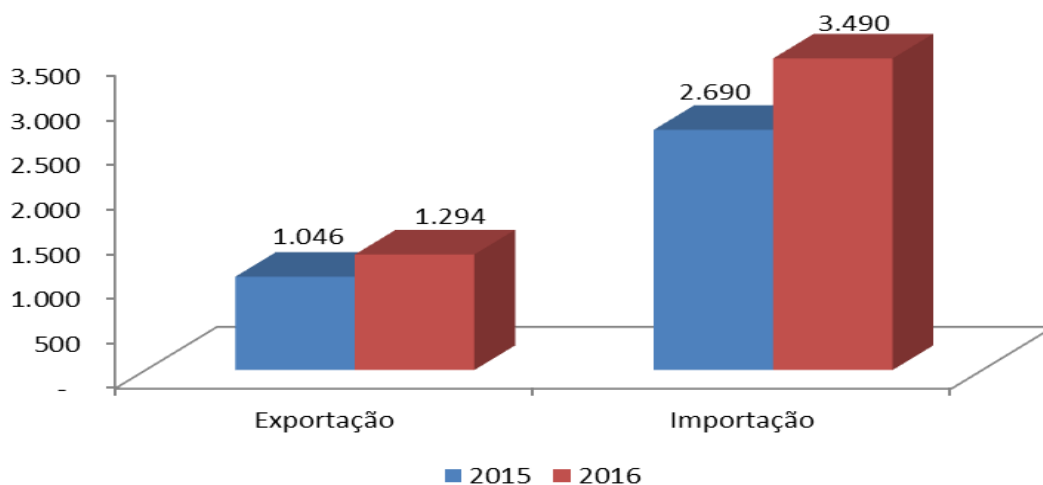
Fonte: CAGED/MTE. Elaboração: IPECE.

Nota: Declarações dentro e fora do prazo. Data da coleta: 06/03/2017.

## 6 COMÉRCIO EXTERIOR

No final do ano de 2016 o Real sofreu uma valorização frente ao dólar de 19,4%, ou seja, a taxa de câmbio iniciou o ano em R\$ 4,00/dólar e terminou a R\$ 3,26/dólar no final de dezembro.

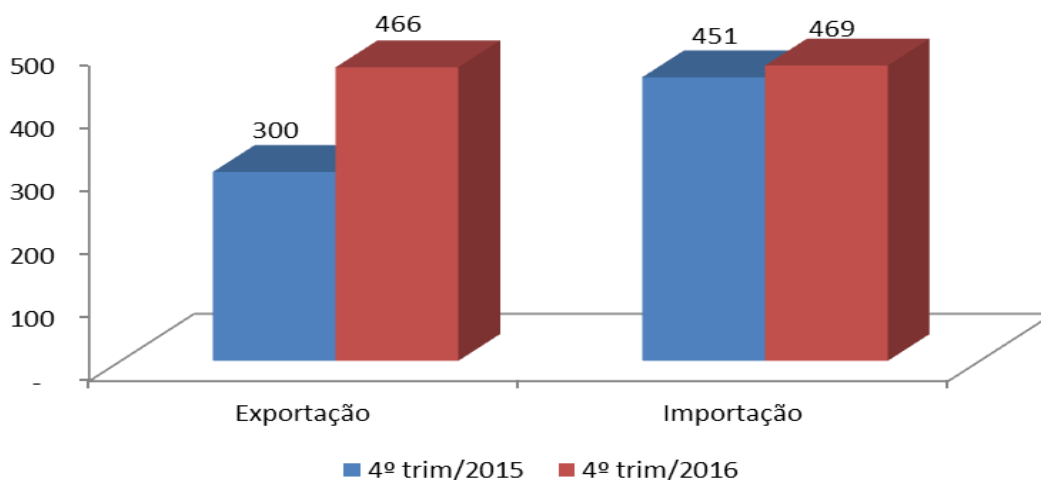
O principal reflexo sobre o comércio exterior do Ceará pode ser visto nas exportações cearenses que tiveram um crescimento de 27,6%, enquanto as importações cresceram 29,7%. Portanto, é compreensível que as importações cearenses tenham crescido mais, já que a valorização propicia a aquisição de mais bens importados e as exportações perdem competitividade.

**Gráfico 6.1:** Balança Comercial Cearense (US\$ Milhões – FOB) – 2015-2016

**Fonte:** SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

As exportações do Ceará no quarto trimestre de 2016 totalizaram US\$ 466 milhões, 55,4% superior ao montante registrado no quarto trimestre do ano anterior. Já as importações, por sua vez, totalizaram o valor de US\$ 469 milhões, superando em apenas 4% o valor registrado no quarto trimestre de 2015 (US\$ 605 milhões).

Comparando o crescimento das exportações e importações cearenses, no quarto trimestre de 2016, em relação ao mesmo período do ano passado, observa-se que nesse período as importações cearenses tiveram apenas um pequeno aumento quando comparadas com as exportações. Por conta disso, o saldo da balança comercial, relativo ao quarto trimestre de 2016, apresentou déficit de apenas US\$ 3 milhões, muito inferior aos US\$ 151 milhões de déficit apresentado no quarto trimestre de 2015. Este resultado se deu principalmente pelo aumento expressivo das exportações cearenses no período. (Gráfico 6.2).

**Gráfico 6.2:** Balança Comercial Cearense (US\$ Milhões – FOB) – 4º Trimestre 2015-2016

**Fonte:** SECEX/MDIC. **Elaboração:** IPECE.

### *Exportações*

Para compreender o motivo que levou as exportações cearenses a crescerem 55,4% no último trimestre de 2016 em relação ao último trimestre de 2015, mesmo com a valorização do câmbio no final de 2016, deve-se observar o que ocorreu com as exportações de produtos metalúrgicos. De fato, este segmento, no quarto trimestre de 2015, participava com 1,98% de tudo que era exportado pelo Ceará, passando para 31,55% de participação no último trimestre de 2016 e, dessa forma, ultrapassou as exportações de calçados que no último trimestre de 2015, liderava com participação de 29,83%, e no último trimestre de 2016 caiu para 20,31%. Com isso, as exportações de produtos metalúrgicos tiveram um crescimento de 2.376%, enquanto as exportações de calçados cresceram 5,82%.

Já as exportações de frutas (exceto castanha de caju) sofreram o impacto da apreciação cambial que ocorreu no último trimestre de 2016, ou seja, tiveram uma redução nas exportações na ordem de 40,16%, passando de US\$ 65,6 milhões no final de 2015 para US\$ 39,2 milhões no último trimestre de 2016. Caso semelhante ocorreu com as exportações de Lagosta que tiveram uma redução de 14,36% no período de um ano.

Como ocorreu com produtos metalúrgicos, as exportações de máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos tiveram um bom desempenho, apesar de sua pequena participação nas exportações cearenses (3,57%), registraram um crescimento de quase 93% (Tabela 6.1)



**Tabela 6.1:** Principais produtos exportados – 4º trimestre – 2015-2016 (US\$ FOB)

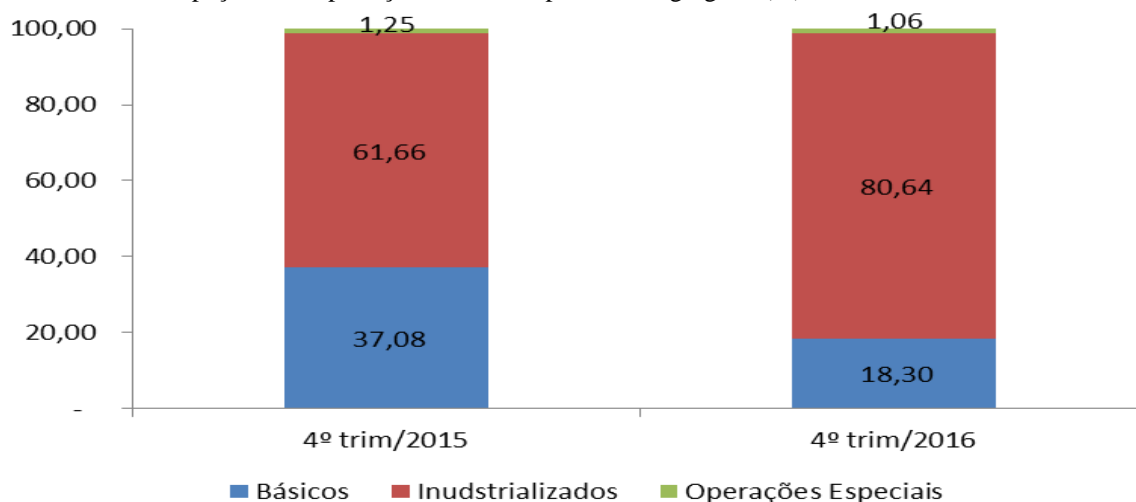
Principais Produtos	4º trim. de 2015		4º trim. de 2016		Var. (%) 2016/2015
	US\$ FOB	Part.%15	US\$ FOB	Part.%16	
Produtos metalúrgicos	5.941.129	1,98	147.103.875	31,55	2376,03
Calçados e suas partes	89.484.143	29,83	94.689.230	20,31	5,82
Frutas (exceto castanha de caju)	65.552.680	21,85	39.228.867	8,41	-40,16
Couros e Peles	32.733.688	10,91	29.931.634	6,42	-8,56
Combustíveis minerais	0	0,00	28.320.085	6,07	-
Castanha de caju	20.909.368	6,97	24.922.261	5,35	19,19
Preparações alimentícias diversas	14.437.650	4,81	21.477.981	4,61	48,76
Máquinas, equipamentos, aparelhos e mat. elétricos	8.617.245	2,87	16.620.919	3,57	92,88
Ceras Vegetais	15.247.814	5,08	16.023.455	3,44	5,09
Lagosta	12.379.901	4,13	10.601.848	2,27	-14,36
Demais Produtos	34.702.454	11,57	37.274.130	8,00	7,41
<b>Ceará</b>	<b>300.006.072</b>	<b>100,00</b>	<b>466.194.285</b>	<b>100,00</b>	<b>55,39</b>

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

#### *Fator Agregado*

Analisando-se pela ótica de fator agregado, observa-se que as exportações de produtos industrializados aumentaram 30,8%. Em contrapartida, as exportações de produtos básicos caíram 50,6% (Gráfico 6.3). Nesse contexto, a participação das exportações de produtos industrializados no quarto trimestre de 2016 foi de 80,64%, percentual superior ao observado no mesmo período de 2015, graças ao crescimento nas exportações de produtos metalúrgicos e máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos.

Já a participação dos produtos básicos tiveram redução na participação em relação ao período anterior, ficando em torno de 18,30%, decorrente, principalmente, do aumento das exportações de produtos industrializados, e de uma forte redução nas exportações de frutas, em torno de 40%, no quarto trimestre de 2016.

**Gráfico 6.3:** Participação das exportações cearenses por Fator Agregado (%) – 4º trim. 2015-2016

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

#### *Destinos*

Com relação aos principais destinos das exportações cearenses, observa-se que os países que detinham maior participação no final de 2015, como Estados Unidos (22,36%), Holanda (12,56%) e Reino Unido (7,52%) reduziram suas participações em 2016. Não obstante, os Estados Unidos continua sendo o principal destino dos produtos cearense, com um crescimento de 35,8% no quarto trimestre de 2016, comparado ao mesmo período do ano anterior.

Alguns países, para os quais se destinam os produtos cearenses, e que detinham pequena participação na pauta cearense no último trimestre de 2015 apresentaram aumento substancial de participação, como foi o caso, por exemplo, da Turquia que passou de 0,03% de participação para 9,13%, com um impressionante crescimento de 51.944,16%, passando de US\$ 81.798 mil para US\$ 42,6 milhões. Outro caso semelhante foi a Tailândia que em 2015 importou do Ceará US\$ 991,7 mil passando para US\$ 33,9 milhões no último trimestre de 2016, ou seja, um crescimento de 3.316,47%. Esse elevado crescimento consistiu no fato de ser esses países os principais destinos das exportações de produtos de ferro ou aço não ligado, do grupo de produtos metalúrgicos.

**Tabela 6.2:** Principais destinos das Exportações – 4º Trimestre de 2015-2016 (US\$ FOB)

Principais destinos	4º trim. 2015		4º trim. 2016		Var (%) 2016/2015
	US\$ FOB	Part. %	US\$ FOB	Part. %	
Estados Unidos	67.074.468	22,36	91.089.276	19,54	35,80
Turquia	81.798	0,03	42.571.086	9,13	51944,16
México	6.271.778	2,09	38.071.471	8,17	507,03
Tailândia	991.702	0,33	33.881.219	7,27	3316,47
Argentina	13.321.447	4,44	31.425.109	6,74	135,90
Países Baixos (Holanda)	37.684.618	12,56	22.908.934	4,91	-39,21
Alemanha	12.389.803	4,13	21.353.807	4,58	72,35
Itália	12.668.288	4,22	20.859.693	4,47	64,66
Reino Unido	21.669.209	7,22	14.903.882	3,20	-31,22
Indonésia	248.877	0,08	13.262.977	2,84	5.229,13
Demais	127.604.084	42,53	135.866.831	29,14	6,48
Total	300.006.072	100,00	466.194.285	100,00	55,39

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

### **Importações**

Mesmo com o cambio favorável, as importações só cresceram 4,10%, no último trimestre de 2016, em comparação ao último trimestre do ano anterior. Esse pequeno crescimento deveu-se a uma elevação na participação e nos valores importados de alguns produtos.

O grupo de máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos que tinha em 2015 a maior participação no total de produtos importados para o Ceará, registrou no último trimestre de 2016, uma redução de 42,51% no mesmo período (quarto trimestre). Caso semelhante ocorreu com a importação de produtos químicos que tanto perdeu em participação, como em redução de valores importados (-13,2%).

As importações de combustíveis e minerais tiveram um aumento na participação de 9,26% para 25,97% no quarto trimestre de 2016, além de um forte aumento nos valores importados, que cresceram 192% no mesmo período. Cabe destacar, também, o crescimento das importações de produtos metalúrgicos (17,7%), decorrente, principalmente, da entrada em operação da Companhia Siderúrgica do Pecem (CSP). Portanto, os combustíveis minerais e os produtos metalúrgicos foram os principais responsáveis pelo pequeno aumento nas importações cearenses no último trimestre de 2016.

**Tabela 6.3:** Principais produtos importados (US\$ FOB) – 4º Trimestre 2015-2016

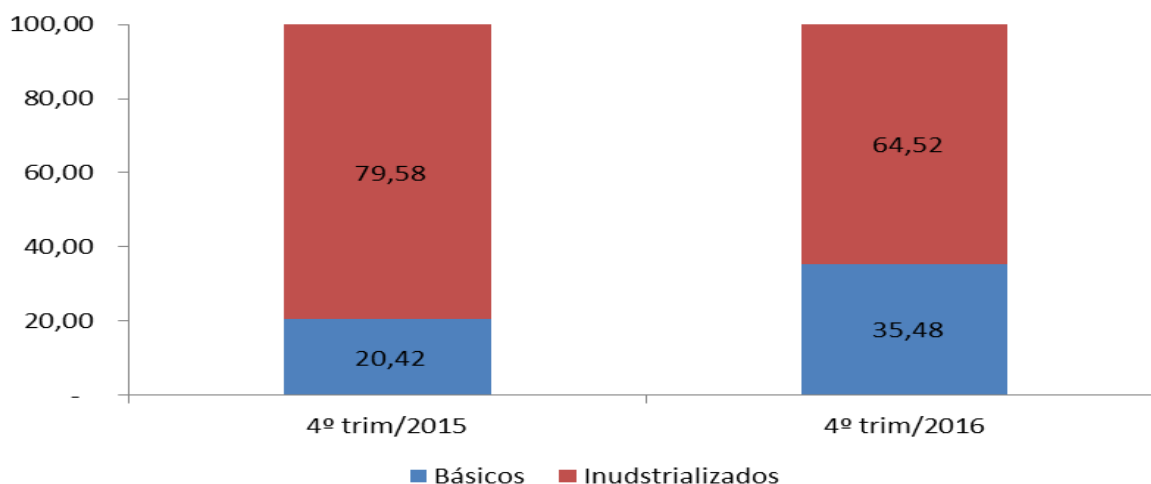
Principais Produtos	2015		2016		Var. (%) 2016/2015
	US\$ FOB	Part. %	US\$ FOB	Part. %	
Combustíveis Minerais	41.711.885	9,26	121.808.738	25,97	192,02
Máquinas, equipamentos, aparelhos e mat. elétricos	110.892.885	24,61	63.750.160	13,59	-42,51
Trigos e mistura de trigo com centeio	58.032.724	12,88	60.226.059	12,84	3,78
Produtos químicos	50.060.493	11,11	43.452.323	9,26	-13,20
Produtos metalúrgicos	34.144.393	7,58	40.189.173	8,57	17,70
Têxteis	30.295.604	6,72	33.620.137	7,17	10,97
Milho em grão	0	0,00	23.681.947	5,05	-
Óleos de dendê	12.762.127	2,83	16.287.006	3,47	27,62
Plásticos e suas obras	12.831.013	2,85	14.735.034	3,14	14,84
Veículos, tratores, ciclos e outros veículos terrestres	1.923.522	0,43	6.333.171	1,35	229,25
Demais Produtos	97.878.170	21,72	44.916.346	9,58	-54,11
<b>Ceará</b>	<b>450.532.816</b>	<b>100,00</b>	<b>469.000.094</b>	<b>100,00</b>	<b>4,10</b>

Fonte: SECEX/MDIC Elaboração: IPECE.

#### *Fator agregado*

Com relação à importação por fator agregado, observou-se que no período analisado a pauta importadora do estado continuou composta, principalmente, por produtos industrializados, embora tenha registrado uma redução no quarto trimestre de 2016, em relação ao quarto trimestre de 2015. Em contrapartida, os produtos básicos tiveram uma elevação na participação das importações cearenses, passando de 20,42% no quarto trimestre de 2015 para 35,48% no quarto de 2016 (Gráfico 6.4).

A redução na participação dos produtos industrializados, no quarto trimestre de 2016, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, deveu-se, principalmente, à queda na participação e nos valores importados das máquinas, equipamentos, aparelhos e material elétrico nas importações totais. Já o aumento na participação dos produtos básicos referentes ao mesmo período deveu-se ao aumento das importações de produtos como os combustíveis e minerais e trigo.

**Gráfico 6.4:** Participação das importações cearenses por Fator Agregado (%) – 4º trim. 2015-2016

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

### Origens

Do total dos produtos importados pelo Ceará, tanto no quarto trimestre de 2015, quanto no mesmo trimestre de 2016, a China continuou sendo o País de maior participação, mantendo-se estável, tanto em 2015 como em 2016, com 22%. Apesar da China continuar tendo a maior participação nas importações cearenses, os Estados Unidos tiveram um forte crescimento na sua participação no quarto trimestre de 2016, com crescimento de 90,37%. Cabe destaque, também, o aumento de participação e valores importados em países como a Argentina e a Nigéria. Convém destacar a diminuição nas importações cearenses de países como Colômbia (-25%) e Indonésia (-14,55%) no quarto trimestre de 2016, comparado ao mesmo período de 2015.

**Tabela 6.4:** Principais origens dos produtos importados (US\$ FOB) – 4º Trimestre -2015-2016

Principais países	4º trim. 2015		4º trim. 2016		Var. (%) 2016/2015
	US\$ FOB	Part. %	US\$ FOB	Part. %	
China	99.155.895	22,01	105.153.054	22,42	6,05
Estados Unidos	45.610.270	10,12	86.830.298	18,51	90,37
Argentina	37.112.978	8,24	47.427.382	10,11	27,79
Nigéria	10.575.717	2,35	25.844.775	5,51	144,38
Colômbia	30.566.599	6,78	22.910.956	4,89	-25,05
Austrália	6.589.986	1,46	22.149.113	4,72	236,10
Moçambique	0	0,00	16.362.470	3,49	-
Indonésia	18.485.261	4,10	15.796.367	3,37	-14,55
Alemanha	15.055.945	3,34	15.504.882	3,31	2,98
Canadá	2.851.950	0,63	10.891.781	2,32	281,91
Demais países	184.528.215	40,96	100.129.016	21,35	-45,74
Ceará	450.532.816	100,00	469.000.094	100,00	4,10

Fonte: SECEX/MDIC Elaboração: IPECE.

## 7 FINANÇAS PÚBLICAS

As “Receitas Totais” do Governo do Ceará, no quarto trimestre de 2016, apresentaram um significativo crescimento, de 15,7%, quando comparadas a idêntico período do ano anterior, como pode ser observado na Tabela 7.1. Destaque-se que o crescimento das “Receitas Correntes” de 21,3% foi o principal motivo para esse desempenho, pois as “Receitas de Capitais” caíram 26,4%, quando comparadas a idêntico período do ano anterior, tendo esse comportamento sido influenciado pela significativa redução da rubrica “Operações de Crédito”. No acumulado do ano é possível observar que houve um incremento, de 4,8%, nas “Receitas Totais” do governo cearense, sendo o destaque positivo o crescimento de 6,2% das “Receitas Correntes” e o negativo a queda de 15,9% das “Receitas de Capital” do Estado no acumulado de 2016.

**Tabela 7.1:** Receitas do Governo Estadual no Quarto trimestre de 2015 e 2016 (R\$1.000,00 de 4º trim. 2016)

Descrição	4º Trim.					Acumulado				
	2015		2016		Var (%)	2015		2016		Var (%)
	R\$	%	R\$	%		R\$	%	R\$	%	
<b>Receitas correntes</b>	5.170.297	81,9	6.273.964	85,9	21,3	20.389.110	86,6	21.653.237	87,8	6,2
<b>Receita tributária</b>	2.778.550	44,0	3.248.801	44,5	16,9	11.308.821	48,0	11.811.080	47,9	4,4
<b>Transferências correntes</b>	1.770.572	28,0	2.417.428	33,1	36,5	7.393.714	31,4	7.689.651	31,2	4,0
<b>Outras receitas correntes</b>	621.176	9,8	607.736	8,3	-2,2	1.686.575	7,2	2.152.507	8,7	27,6
<b>Receitas de capital</b>	808.725	12,8	595.519	8,2	-26,4	2.113.361	9,0	1.777.771	7,2	-15,9
<b>Operações de crédito</b>	697.272	11,0	276.056	3,8	-60,4	1.683.694	7,2	1.127.914	4,6	-33,0
<b>Outras receitas de capital</b>	111.454	1,8	319.463	4,4	186,6	429.667	1,8	649.857	2,6	51,2
<b>Receitas intraorçamentárias</b>	334.571	5,3	434.556	5,9	29,9	1.033.189	4,4	1.229.646	5,0	19,0
<b>Total geral</b>	6.313.593	100,0	7.304.040	100,0	15,7	23.535.660	100,0	24.660.653	100,0	4,8
<b>Receita corrente líquida</b>	4.308.623	68,2	5.374.282	73,6	24,7	16.779.156	71,3	18.112.355	73,4	7,9

Fonte: Sefaz/Smart. Elaboração: IPECE.

Obs.: Corrigido pela média do IPCA do terceiro trimestre.

O crescimento das “Receitas Correntes”, no quarto trimestre de 2016, foi resultado do crescimento de 36,5% das receitas de “Transferências Correntes” e do incremento de 16,9% das “Receitas Tributárias”. No acumulado do ano, constata-se que as “Receitas Tributárias” cresceram 4,4% e as de “Transferências Correntes” cresceram 4,0%.

Dois fatos, que não ocorrerão em um futuro previsível, contribuíram para o desempenho das “Receitas Correntes” estaduais no quarto trimestre de 2016. O primeiro foi a expressiva

arrecadação do ITBI no referido período, quando foram arrecadados mais de R\$ 500 milhões. O segundo fato foram as transferências ao Estado pelo Governo Federal, via FPE, dos recursos arrecadados com a repatriação, quando os contribuintes puderam declarar valores mantidos de forma irregular no exterior, que foram de, aproximadamente, R\$ 357 milhões.

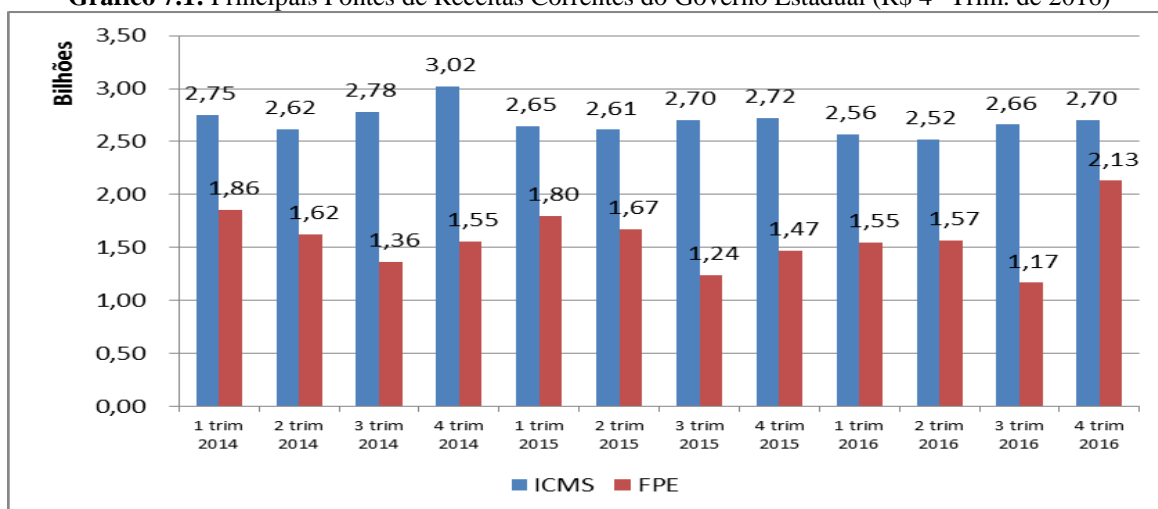
Deve-se destacar ainda que o incremento de 27,6% na arrecadação acumulada de 2016 deveu-se ao uso de receitas provenientes da Lei 15.878/2015, que permite o Governo do Estado utilizar até 70% dos valores de depósitos judiciais, cuja constitucionalidade está sendo contestada.

Já as “Receitas Correntes Líquidas” (RCL), que é um importante indicador das finanças públicas de um estado, apresentaram, no quarto trimestre de 2016, um crescimento de 24,7% e, no acumulado do ano, crescimento de 7,9%. Esse comportamento das “Receitas Correntes Líquidas” foi uma decorrência direta das receitas extraordinárias já discutidas.

Entre as principais receitas do governo cearense estão as receitas de ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) e os repasses do FPE (Fundo de Participação dos Estados), cujos valores e comportamento são apresentados no Gráfico 7.1. Nesse sentido, é possível constatar que as receitas de ICMS, em todos os trimestres de 2016, foram inferiores aos valores arrecadados em 2015, sendo possível constatar que a arrecadação de ICMS, de 2016, foi 2,1% menor do que a do ano anterior. Já as receitas do FPE registraram um significativo incremento no quarto trimestre de 2016, sendo a principal razão os recursos oriundos da repatriação.

No que tange às receitas, continua sendo necessário um acompanhamento criterioso de sua evolução a fim de evitar-se um descontrole das contas estaduais.



**Gráfico 7.1:** Principais Fontes de Receitas Correntes do Governo Estadual (R\$ 4º Trim. de 2016)

Fonte: Sefaz. Elaboração: IPECE.

Observando-se o comportamento das despesas do Governo Estadual, é possível constatar, na Tabela 7.2, que as “Despesas Correntes” apresentaram um crescimento de 3,2%, quando se compara o quarto trimestre de 2016 com idêntico período de 2015, observando-se que as despesas com “Pessoal e Encargos Sociais” tiveram uma redução de 0,8%, entre os dois períodos. Já no acumulado do ano, as “Despesas Correntes” de 2016 estão, praticamente, no mesmo nível que de 2015, enquanto as despesas com “Pessoal e Encargos Sociais” caíram 3,8%. Uma possível explicação para a queda da “Despesa com Pessoal” foi o fato de não ter ocorrido a revisão salarial dos servidores públicos do Estado no ano de 2016.

**Tabela 7.2:** Despesas do Governo Estadual no Quarto trimestre de 2015 e 2016 (R\$1.000,00 de 4º trim. 2016).

Descrição	4º Trim.					Acumulado				
	2015		2016		Var (%)	2015		2016		Var (%)
	R\$	%	R\$	%		R\$	%	R\$	%	
<b>Despesas correntes</b>	5.656.304	82,0	5.838.045	85,1	3,2	20.168.741	85,1	20.315.237	86,0	0,7
<b>Pessoal e encargos sociais</b>	2.986.075	43,3	2.961.724	43,1	-0,8	11.032.559	46,5	10.616.762	45,0	-3,8
<b>Juros e encargos da dívida</b>	115.467	1,7	120.165	1,8	4,1	457.991	1,9	453.621	1,9	-1,0
<b>Outras despesas correntes</b>	2.554.762	37,1	2.756.156	40,2	7,9	8.678.191	36,6	9.244.854	39,2	6,5
<b>Despesas de capital</b>	1.238.890	18,0	1.026.101	14,9	-17,2	3.534.753	14,9	3.294.953	14,0	-6,8
<b>Investimentos</b>	980.578	14,2	748.792	10,9	-23,6	2.644.357	11,2	2.199.276	9,3	-16,8
<b>Amortizações</b>	218.460	3,2	228.244	3,3	4,5	759.521	3,2	860.962	3,6	13,4
<b>Inversões financeiras</b>	39.853	0,6	49.064	0,7	23,1	130.874	0,6	234.715	1,0	79,3
<b>Reserva de contingência</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Total geral</b>	6.895.194	100,0	6.864.146	100,0	-0,5	23.703.493	100,0	23.610.190	100,0	-0,4

Fonte: Sefaz/Smart. Elaboração: IPECE.

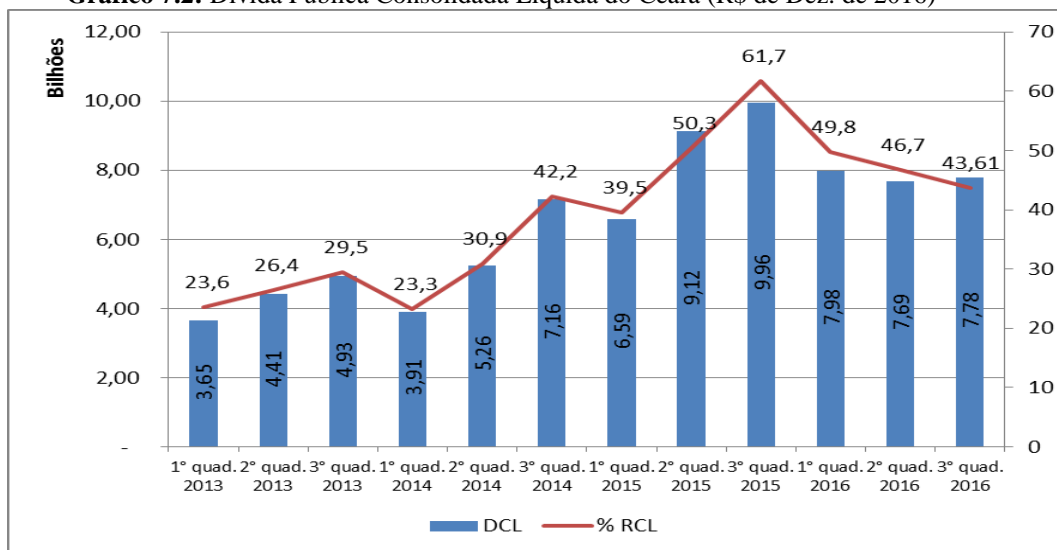
Obs.: Corrigido pela média do IPCA do segundo trimestre.

Já o pagamento de “Juros e Encargos da Dívida” tiveram um incremento de 4,1% no quarto trimestre de 2016, e redução de 1,0%, no acumulado do ano. Já as “Despesas de Capital” caíram, entre os dois períodos em análise, 17,2%, destacando-se a queda de 23,6% nos “Investimentos” do Governo Estadual. No acumulado do ano de 2016 as “Despesas de Capital” apresentaram redução de 6,8%, devendo-se destacar a redução de 16,8% nos investimentos e crescimento de 79% das “Inversões Financeiras”.

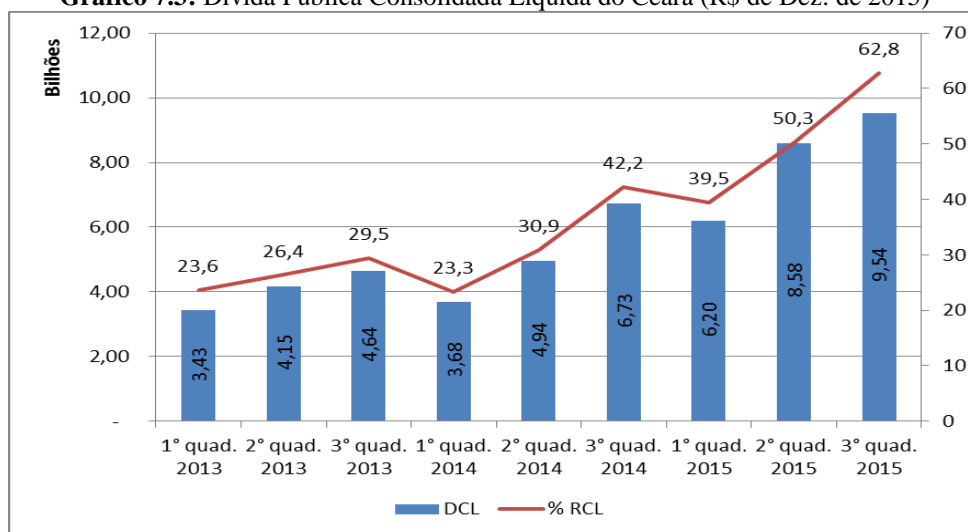
Nesse sentido, é possível afirmar que o Governo Estadual controlou o crescimento de seus gastos, principalmente, pela redução dos gastos com “Investimentos”, embora as “Despesas Correntes” tenham tido um ligeiro crescimento.

Por fim, um último indicador analisado neste documento é o comportamento da “Dívida Pública Consolidada Líquida” (DCL) do Ceará, cujos dados são apresentados no Gráfico 7.2 e Gráfico 7.3. No Gráfico 7.2 é possível constatar que a dívida pública estadual apresentou tendência de crescimento do primeiro quadrimestre de 2013 ao terceiro quadrimestre de 2015, enquanto que nos três últimos quadrimestres houve uma queda da dívida líquida do Estado de, aproximadamente, R\$ 2,2 bilhões.. Dessa forma, a dívida pública consolidada líquida representou 43,6% da Receita corrente líquida no terceiro quadrimestre de 2016. É interessante observar que apesar do ligeiro crescimento da Dívida Pública estadual no 3º Quadrimestre de 2016, o significativo crescimento das “Receitas Correntes Líquidas” permitiu uma redução na razão entre a DCL e a RCL.

**Gráfico 7.2:** Dívida Pública Consolidada Líquida do Ceará (R\$ de Dez. de 2016)



Fonte: STN/SISTN. Elaboração: IPECE.

**Gráfico 7.3:** Dívida Pública Consolidada Líquida do Ceará (R\$ de Dez. de 2015)

Fonte: Sefaz. Elaboração: IPECE.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook Update* de outubro de 2016, a estimativa de crescimento da economia mundial para o ano de 2016 situa-se em torno de 3,1%. Essa estimativa vem sendo influenciada pelo desempenho das economias desenvolvidas, a destacar Estados Unidos, Alemanha e Espanha, e pelos países emergentes, como a Índia e China.

No ano de 2016, o PIB nacional recuou 3,6%, tendo em 2015 já apresentado recuo de 3,8%. De acordo com os dados das contas nacionais, semelhante queda, mas de magnitude bem menor, ocorreu nos anos de 1930 e 1931, quando houve recuo de 2,1% e 3,3%, respectivamente.

Nos componentes na demanda, a FBKF (investimentos), encerrou o ano com um total de apenas 16,4%, e queda anual de 10,2%. Destaca-se, ainda, que o investimento encontra-se em queda desde o terceiro trimestre de 2013.

A economia cearense também registrou queda ao recuar 5,33% no ano de 2016. Esse desempenho negativo foi puxado por todos os grandes setores da economia local, que também apresentaram quedas no ano, sendo o maior recuo na Agropecuária (-8,02%), seguidos dos setores da Indústria (-6,64%) e Serviços (-5,52%).

Conforme prognosticado ao longo do ano de 2016 o setor agropecuário cearense, por mais um ano consecutivo, apresentou desempenho negativo, sendo considerado um dos piores dos últimos vinte anos, visto que desde 2012 o setor vem apresentando tendência de queda.

A produção das principais lavouras do Ceará em 2016, como milho, feijão e arroz, quando comparada ao ano de 2015, apresentou redução de, respectivamente, -11,69%, -15,84% e -41,53%. Deve-se também enfatizar que a produção de grãos dos últimos cinco anos foi a menor desde 1997, com destaque para o ano de 2016 que registrou a menor produção da série, com apenas 187.960 toneladas.

Nesse mesmo contexto, a produção de frutas em 2016 sofreu maiores efeitos com a longa estiagem, diante de solos mais secos e da falta de água para as áreas de produção agrícola irrigada, com destaque para as culturas de castanha de caju (-40,58%), melão (-11,62%) e banana (-15,89%), que registraram redução de área plantada e colhida. Já coco-da-baía (38,45%), mamão (16,98%) e goiaba (10,20%) indicaram aumento na produção, com aumento da área destinada a colheita.

Com relação às principais atividades do segmento da pecuária do Ceará, as estimativas indicaram que apenas a produção de ovos e galináceos apresentaram crescimento no ano de 2016 comparada ao ano de 2015, com crescimento de 24,36% e 0,81%, respectivamente. A atividade de leite foi a que registrou maior estimativa de queda, com variação de -17,76%. Essa atividade manteve o crescimento na produção até o ano de 2014, porém com a crise causada pelo quinto ano de seca, a produção leiteira foi fortemente atingida, com forte queda na produção.

Os resultados do último trimestre de 2016 mantiveram a dinâmica da produção industrial cearense em patamares negativos. Nos meses de outubro a dezembro, a atividade apresentou retração de 4,2% em relação ao mesmo período de 2015, acumulando onze trimestres seguidos de queda na produção na comparação trimestral. Adicionalmente, é preciso considerar que tais números ocorrem sobre uma base de comparação já fortemente negativa.

Por outro lado, os resultados mensais do último trimestre de 2016 sugerem uma melhora do desempenho na margem. Esse movimento marginal, mesmo não assegurando o retorno de resultados positivos no acumulado, afasta a indústria do ambiente de severa contração como o

observado em 2015 e reaquece as expectativas de uma retomada da atividade ao longo de 2017.

No ano, a maior parte dos setores da indústria cearense melhorou o desempenho em relação a 2015, seja crescendo, seja reduzindo o ritmo de perdas. Entre aqueles que fecharam 2016 com resultado positivo, destaque para a fabricação de produtos têxteis que voltou a evoluir. O ano de 2016, apesar dos resultados negativos, termina melhor do que o ano de 2015.

No resultado para o acumulado do ano, todas as unidades com levantamento amargaram queda em 2016 na comparação com 2015. Entre estas, destaque para Amazonas (-11,2%), Pernambuco (-9,5%), Goiás (-6,4%) e Rio de Janeiro (-6,2%). A indústria cearense, por sua vez, acumulou uma redução de 5,2% em 2016, o que configura a sexta maior queda entre os estados brasileiros. O resultado cearense supera a marca nacional, que aponta para uma queda de 6,1% em relação ao ano passado, mas é inferior ao resultado apresentado pelo conjunto da região Nordeste (-3,2%).

No comércio varejista, tanto no varejo comum quanto no ampliado o estado do Ceará apresentou maior desaceleração no ritmo de vendas mensais quando comparado aos anos anteriores e que, mais especificamente no final do último ano, o varejo comum cearense vem registrando sucessivamente variações negativas mensais superiores ao registrado pelo varejo nacional. Efeito semelhante e mais intenso foi também observado para o varejo ampliado. O varejo comum cearense registrou queda de 6,7% no ano de 2016, levemente superior à registrada pelo varejo comum nacional (-6,2%). No varejo ampliado, o estado também registrou desempenho superior (-10,3%) em relação ao país (-8,7%).

Adicionalmente, o estado do Ceará registrou a oitava menor queda no varejo comum nacional e a décima segunda menor queda no varejo ampliado nacional. A queda no varejo ampliado foi muito mais intensa que no varejo comum, tanto para as unidades federativas, como no agregado nacional. De fato, como no varejo ampliado são incluídos os setores de veículos, motocicletas, partes e peças e material de construção, ambos altamente ligados ao sistema de crédito, o impacto da queda da atividade econômica foi muito mais intenso nesses setores.

Por fim, ao se comparar o desempenho do varejo cearense por atividade é possível concluir que ocorreu uma piora na grande maioria delas, pois passaram a registrar queda superior em 2016 à registrada 2015, a exemplo de eletrodomésticos e de materiais de construção.

De acordo com a PNADC, do 4º trimestre de 2015 para o 4º trimestre de 2016 a Taxa de Desemprego do Brasil e do Ceará cresceram, respectivamente, 3,0 p.p. e 3,4 p.p. Essa tendência de aumento do desemprego só ficou clara na virada do 4º trimestre de 2014 para o 1º trimestre de 2015, embora a recessão já houvesse se iniciado no início de 2014 com quedas do PIB trimestral nacional.

No que tange ao emprego formal, dados do CAGED revelam que o primeiro (-17.202 vagas) e o último trimestre (-9.944 vagas) do ano de 2016 foram os que apresentaram os piores desempenhos no tocante a destruição de postos de trabalho com carteira assinada. Vale ressaltar que o mercado de trabalho nacional apresentou uma dinâmica semelhante, sendo que o quarto trimestre (-675.875 vagas) apresentou a maior destruição de vagas do ano.

No resultado anual, foi observado o fechamento de vagas em 2016 (-37.392 vagas), superior ao registrado em 2015 (-34.336 vagas), revelando que os efeitos da crise foram mais intensos no último ano.

Dos oito setores analisados, apenas dois apresentaram abertura de vagas no último trimestre do ano de 2016 (comércio (3.787 vagas) e Administração Pública (13 vagas)). Para o acumulado até o quarto trimestre, todos os oito setores analisados registraram fechamento de postos de trabalho. As maiores perdas foram observadas nos setores da Construção Civil (-15.054 vagas); Indústria de Transformação (-9.741 vagas) e Comércio (-6.888 vagas).

As exportações do Ceará no quarto trimestre de 2016 totalizaram US\$ 466 milhões, 55,4% superiores ao valor registrado no quarto trimestre do ano anterior. As importações, por sua vez, totalizaram o valor de US\$ 469 milhões, apenas 4% superior ao montante registrado no quarto de 2015, que foi de US\$ 605 milhões.

Esse bom desempenho do setor exportador cearense foi resultante de produtos metalúrgicos (máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos), não obstante sua pequena participação nas exportações cearenses (3,57%). Países que tem como destino os produtos

cearenses e que tinham pequena participação no último trimestre de 2015, tiveram aumento substancial na participação como, por exemplo, Turquia que passou de 0,03% de participação para 9,13%, com um impressionante crescimento de 51.944,16% (US\$ 81.798 mil para US\$ 42,6 milhões); e Tailândia que em 2015 importou do Ceará US\$ 991,7 mil, passando para US\$ 33,9 milhões no último trimestre de 2016, com um crescimento de 3.316,47%. Essa elevada expansão se explica pelo fato desses países serem os principais destinos das exportações de produtos de ferro ou aço não ligado, do grupo de produtos metalúrgicos.

No lado das importações, combustíveis e minerais tiveram um aumento de participação de 9,26% para 25,97% no quarto trimestre de 2016, além de um forte aumento nos valores importados, os quais cresceram 192% no mesmo período. A China continuou sendo o País de maior participação, mantendo-se estável, tanto em 2015 como em 2016 com 22%. Apesar da China continuar tendo maior participação nas importações cearenses, os Estados Unidos tiveram um forte crescimento na sua participação no quarto trimestre de 2016, com crescimento de 90,37%.

No lado fiscal, o acumulado do ano de 2016 mostrou um incremento de 4,8% nas “Receitas Totais” do governo cearense, sendo o destaque positivo o crescimento de 6,2% das “Receitas Correntes” e o negativo a queda de 15,9% das “Receitas de Capital”. Já as “Receitas Tributárias” cresceram 4,4% e as “Transferências Correntes” 4,0%.

Deve-se destacar que o incremento de 27,6% na arrecadação acumulada de 2016 deveu-se ao uso de receitas provenientes da Lei 15.878/2015, que permitiu o Governo do Estado utilizar até 70% dos valores de depósitos judiciais, cuja constitucionalidade está sendo contestada. As “Receitas Correntes Líquidas” (RCL), que é um importante indicador das finanças públicas de um estado, apresentaram crescimento de 7,9% no acumulado do ano de 2016. Esse comportamento das “Receitas Correntes Líquidas” foi uma decorrência direta das receitas extraordinárias.

Pagamento de “Juros e Encargos da Dívida” tiveram redução de 1,0% no acumulado do ano de 2016. Já as “Despesas de Capital” apresentaram redução de 6,8%, devendo-se destacar a redução de 16,8% nos investimentos e crescimento de 79% das “Inversões Financeiras”.



Enfim, pelos dados apresentados, pode-se afirmar que a economia cearense no quarto trimestre do ano, apresentou um quadro conjuntural menos adverso do que o registrado no mesmo período de 2015. Apesar dos vários indicadores negativos apresentados ao longo de 2016, é possível que em 2017, algumas variáveis relativas a economia cearense já apresente os primeiros sinais de recuperação.